

**CRISTO?**

**SIM!!!**

**PADRE?**

**NÃO!!!**

**Dr. Aníbal Pereira dos Reis**  
**(ex-padre)**

**Edições Cristãs**

# ÍNDICE

Instituição do sacerdócio levítico  
Contrastes  
Jesus perante os sacerdotes  
Vestes em farrapos... e o véu partido  
“Requiem” sobre cinzas  
Germes da apostasia  
O autêntico Ministério da Igreja  
Progressos da apostasia  
Três aspectos da apostasia católica romana  
Nos labirintos do sacerdócio romano  
O sacerdócio católico é uma blasfêmia sacrílega  
Um momento à vaidade  
Cristo, único mediador e único sacerdote  
“Sacerdos in Aeternum”  
Epílogo  
Uma palavra de simpatia  
Documentos em Anexo

.oOo.

# 1

## INSTITUIÇÃO DO SACERDÓCIO LEVÍTICO

**A Humanidade, em todos os tempos,** sentiu nostalgia de Deus!

Espiritualmente atrofiada, nem a observância completa da Lei Natural estava dentro da sua capacidade. Resvalados às profundezas da depravação moral, os homens que **“mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível”** (Romanos 1.23), nas trevas do paganismo, criaram as suas divindades e mantiveram sacerdotes que os relacionassem com elas.

Todos esses desvios morais e espirituais enfatizavam a necessidade que os homens tinham de um Socorro Divino. As profundezas insondáveis da degradação humana clamavam à misericórdia infinita de Deus!

No propósito de preparar o advento de Seu Filho, como Salvador do mundo, Deus selecionou um povo, estabelecendo com ele uma aliança – a Dispensação da Lei, cuja finalidade precípua era fazer da necessidade de salvação e comunhão com Ele uma constante presença.

Vamos encontrar na Bíblia a maravilhosa história das relações amoráveis de Deus e as tristes defecções do Seu povo. Estas defecções que, no final, concorreram para inculcar mais e mais nos corações a convicção de sua insuficiência e a necessidade do Salvador.

Nas Escrituras Sagradas, encontramos também as or dens de Deus para o estabelecimento de um sacerdócio com a missão de conservar a lembrança da grande promessa através de sacrifícios cruentos efetuados dentro de um ritualismo por Ele próprio determinado.

Concluída a Dispensação da Lei pelo cumprimento da promessa, esse sacerdócio perderia sua razão de ser.

**.o.**

Lei e sacerdócio levítico se correlacionam!

.O.

Antes de Moisés, entre os hebreus, o povo eleito do Senhor, as funções sacerdotais eram exercidas pelo patriarca, o chefe da clã. Cabia-lhe esse privilégio porque, em razão da idade, sobre ele repousava a bênção de Javé.

Em Moisés, porém, começa o exercício efetivo do sacerdócio. Aliás, o próprio Moisés, como líder do povo de Deus, igualmente serviu como seu sacerdote, desempenhando as qualidades de intermediário entre ele e Deus. Realizava, outrossim, os sacrifícios em honra de Javé, a Quem suplicava perdoasse os pecados dos filhos de Israel.

Havendo liderado a fuga dos hebreus escravizados em terras egípcias, curtindo com eles as amarguras de peripécias imprevisíveis, gozando também de inefáveis bênçãos divinas que se faziam presentes nas horas de encruzilhada, Moisés, cumprindo determinações do próprio Deus, instituiu em Israel o sacerdócio.

Os termos da determinação divina se encontram em Êxodo 28.1-3: **“Faze também vir para junto de ti Arão, teu irmão, e seus filhos com ele, dentre os filhos de Israel, para Me oficiarem como sacerdotes, a saber, Arão, e seus filhos Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Farás vestes sagradas para Arão, teu irmão, para glória e ornamento. Falarás também a todos os homens hábeis, a quem enchi do espírito de sabedoria, que façam vestes para Arão para consagrá-lo; para que Me ministre o ofício sacerdotal”**.

O cumprimento dessa determinação por parte de Moisés se encontra em Levítico 8.6-13: **“E fez chegar a Arão e a seus filhos, e os lavou com água. Vestiu a Arão da túnica, cingiu-o com o cinto, e pôs sobre ele a sobrepeliz; também, pôs sobre ele a estola sacerdotal e o cingiu com o cinto de obra esmerada da estola sacerdotal, e o ajustou com ele. Depois lhe colocou o peitoral, pondo no peitoral o Urim e o Tumim; e lhe pôs a mitra na cabeça, e na mitra, na sua parte dianteira, pôs a lâmina de ouro, a coroa sagrada, como o Senhor ordenara a Moisés. Então Moisés tomou o óleo da unção, e ungiu o tabernáculo, e tudo o que havia nele, e o consagrou; e dele espargiu sete vezes sobre o altar, e ungiu o altar e todos os seus utensílios, como também a bacia e o seu suporte, para os consagrar. Depois derramou o óleo da unção sobre a cabeça de Arão, ungiu-o para consagrá-lo. Também Moisés fez chegar os filhos de Arão, e vestiu-lhes as túnicas, e cingiu-os com o cinto, e atou-lhes as tiaras, como o Senhor lhe ordenara”**.

Ainda. A tribo de Levi foi escolhida para se constituir na classe sacerdotal.

**“Disse o Senhor a Moisés: Faze chegar a tribo de Levi, e põe-na diante de Arão, o sacerdote, para que o sirvam, e cumpram seus**

**deveres para com ele e para com todo o povo, diante da tenda da congregação, para ministrar no tabernáculo”** (Números 3.5-7).

Com a morte de Arão, Deus confirmou a tribo de Levi para o Seu serviço. Em Moserá faleceu Arão (Deuteronômio 10.6) e **“o Senhor separou a tribo de Levi, para levar a Arca do Senhor, para O servir, e para abençoar em Seu Nome até ao dia de hoje”** (Deuteronômio 10.8).

Tornaram-se os membros desta tribo alvo de grande destaque em virtude da proclamação divina: **“Os levitas serão Meus”** (Números 8.14).

Constituindo-se herança do Senhor, em consequência de sua vocação, tornaram-se muito considerados.

Bem mais tarde, porém, Davi e Salomão completaram a organização sacerdotal, inclusive construindo, também por ordem de Deus, o templo de Jerusalém.

A tribo de Levi foi dividida por classes e por grupos encarregados, cada um por sua vez, do serviço divino no Templo santo.

Constituíram-se os israelitas em nação de ordem teocrática. O sumo sacerdote ocupava o vértice da nação e detinha os poderes civil e religioso. Sob a sua supervisão, serviam no Templo os levitas ainda diferenciados nas duas categorias de sacerdotes e de simples levitas.

Estes últimos coadjuvavam os sacerdotes e se constituíam no clero inferior. Não gozavam de especial importância na vida social e cultural da nação e nem desfrutavam de condições econômicas folgadas. Contudo, eram apreciados pelo povo humilde e seu espírito profundamente religioso os fazia a porção boa e sadia do levitismo.

Os sacerdotes estavam repartidos em 24 grupos que se revezavam semanalmente no ministério do Templo. Cada um desses grupos tinha à sua frente um sacerdote de quem tomava o nome e os que dele dependiam eram designados, por sorte, para as incumbências do ministério. O ofício litúrgico era a sua função específica.

Orgulhavam-se eles da sua ciência que consistia em conhecer exatamente os requisitos exigidos para um animal ser oferecido em sacrifício, a quantidade de certa libação sagrada, os ritos das oblações, as prescrições e normas relativas aos aspectos materiais da liturgia.

Naquela ordem social teocrática, os sacerdotes eram considerados úteis porque, com a execução de sacrifícios de animais, aspersos de sangue ou incensações que o próprio Deus havia prescrito e exigido, asseguravam a proteção divina para a coletividade, aplacando a ira de Deus.

**.oOo.**

## 2

# CONTRASTES

**A Bíblia**, nos capítulos 28 e 29 de Êxodo, descreve-nos os paramentos e as cerimônias da consagração de Arão e de seus filhos para o sacerdócio, o que nos revela a altíssima dignidade desse múnus. Vocacionados para o ofício sacerdotal, receberam eles de Deus determinações severas, entre as quais esta: **“Mas tu e teus filhos contigo atenderéis ao vosso sacerdócio e tudo concernente ao altar, e ao que estiver para dentro do véu, isto é vosso serviço; Eu vos tenho entregue o vossos sacerdócio por ofício como dádiva; porém o estranho que se aproximar morrerá”** (Números 18.7).

Se Deus sempre se manifestou cioso de suas determinações, nessa não o foi menos.

O castigo de Uzias, rei de Judá, é bem conhecido e ilustra à evidência o cuidado de Deus para com o culto em Sua honra. Tendo ousado este rei oferecer incenso ao Senhor, foi repentinamente ferido pela lepra.

O sacerdote Azarias, com mais 80 sacerdotes, resistiram ao rei Uzias, e lhe disseram: **“A ti, Uzias, não compete queimar incenso perante o Senhor, mas aos sacerdotes, filhos de Arão, que são consagrados para este mister; sai do santuário, porque transgrediste; nem será isso para honra tua da parte do Senhor Deus. Então Uzias se indignou; tinha o incensário na mão para queimar incenso; indignando-se ele, pois, contra os sacerdotes, a lepra lhe saiu na testa perante os sacerdotes, na Casa do Senhor, junto ao altar do incenso”** (2º Crônicas 26.18-19).

.o.

Mas quem foi Arão em cuja frente Deus depositou tanta glória?

Arão cometeu pecado de idolatria!

Enquanto Moisés se encontrava no Monte Sinai, recebendo as Tábuas do Testamento, Arão recolheu as jóias das mulheres israelitas. Mandou fazer o bezerro de ouro e edificou um altar, constituindo-o novo deus. Promoveu Arão oferecimento de holocaustos e ofertas pacíficas.

**“E o povo assentou-se para comer e beber, e levantou-se para divertir-se”** (Êxodo 31.6).

Chefiados por Arão, o fundamento humano do sacerdócio da Lei os israelitas desviaram-se do caminho reto, merecendo de Deus esta recriminação: **“Tenho visto a este povo. E eis que é povo de dura cerviz. Agora, pois, deixa-Me; para que se acenda contra eles o Meu furor, e Eu os consuma”** (Êxodo 32.9-10).

Outra figura basilar do sacerdócio do Antigo Testamento é Levi. Como Arão, Levi prevaricou numa demonstração da falibilidade humana daquele sacerdócio desde as origens dos seus fundamentos terrenos.

Como herança do Senhor, os levitas se tornaram muito considerados. Todavia, Levi, o cabeça desta tribo, tem uma mancha terrível. Conta-nos Gênesis, em seu capítulo 34, que Levi e seu irmão Simeão permitiram o casamento de sua irmã Diná com Siquém, mediante a única condição que os da tribo siquemita se permitissem circuncidar.

**“Ao terceiro dia, quando os homens sentiam mais forte a dor, dois filhos de Jacó, Simeão e Levi, irmãos de Diná, entraram inesperadamente na cidade e mataram os homens todos... E saquearam a cidade”** (Gênesis 34.25, 27).

Levi, cuja espada também era instrumento de violência (Gênesis 49.5), foi chefe de uma das doze tribos de Israel, mais tarde separada para o serviço do Tabernáculo.

Graves crimes cometeram os sacerdotes através da longa história hebréia, merecendo de Deus as mais severas reprimendas e sendo responsáveis pelos castigos divinos.

Porque eles ensinavam **“por interesse... por dinheiro”** (Miquéias 3.11) tornaram-se cúmplices dos juizes venais e dos falsos profetas e comprometeram Sião e Jerusalém. **“Portanto, por causa de vós, Sião será lavrada como um campo, e Jerusalém se tornará em montões de ruínas e o monte do templo numa colina coberta de mato”** (Miquéias 3.12).

Clamava Sofonias: **“Os seus sacerdotes profanam o santuário e violam a lei”** (Sofonias 3.4).

As transgressões dos sacerdotes se tornaram num mar de pecados. Desprezavam o nome de Deus e tornaram desprezível a mesa do Senhor e fizeram, com seus escândalos, que muitos tropeçassem.

**“Se não propuserdes no vosso coração dar honra ao Meu Nome, diz o Senhor dos Exércitos, enviarei sobre vós a maldição e amaldiçoarei as vossas bênçãos”**, revelava Deus a Sua severidade através do profeta Malaquias, e acrescenta: **“Atirarei excremento aos vossos rostos”** (2.2-3).

**.o.**

Lendo o Antigo Testamento, verifica-se que, nas empresas mais importantes, Deus não Se servia dos Seus sacerdotes, mas suscitava

profetas para levar ao povo as Suas mensagens. Surgiram estes, inclusive para vergastar os extraviados daqueles.

Qual foi a missão primeira de Samuel, ainda criança?

Foi a de transmitir ao sacerdote Eli o recado terrível de Deus por causa de seus filhos, sacerdotes também, os quais **“não se importavam com o Senhor”** e se fizeram **“filhos de Belial”**. **“Se fizeram execráveis”**, enquanto **“o jovem Samuel crescia diante do Senhor”** (1º Samuel 2.12; 3.13; 2.21).

.O.

A religião judaica operava na base do sistema sacrificial, divinamente estabelecido. E o sacerdócio funcionava intimamente ligado a esse sistema, competindo-lhe, com exclusividade, a oblação de sacrifícios.

Atendendo, porém, os apelos dos israelitas desesperados sob a mão dos filisteus, Samuel, que não estava oficialmente investido das funções sacerdotais em virtude de ser muito jovem, **“tomou um cordeiro que ainda mamava e o sacrificou em holocausto ao Senhor”**.

Agradou-se Deus desse holocausto de tal modo que os filisteus **“foram derrotados diante dos filhos de Israel”** (1º Samuel 7.9-10).

.O.

Deus tinha verdadeiro zelo relativo às funções sacerdotais que chegou a castigar com a lepra o atrevimento do rei Uzias ao pretender oferecer incenso.

A Bíblia, porém, nos relata um fato divergente desse desvelo que revela, numa circunstância especialíssima, aceitar Deus a oblação de um sacrifício por mãos alheias ao sacerdócio.

.O.

Cerca de oitocentos anos antes de Cristo, o povo de Israel, por influência de Jezabel, esposa do rei Acabe, resvalou para a idolatria. A adoradora de Baal, responsável pela morte de muitos profetas do Senhor, fez Acabe erigir um templo ao seu deus, em Samaria, e, em sua honra, plantou um bosque.

Nessas circunstâncias desalentadoras em que Baal, não só era prestigiado entre os povos, mas seu culto era estendido por Jezabel ao povo israelita, Deus suscitou Elias, personalidade ímpar, sem origem e sem descendência, com o encargo de anunciar o Deus autêntico e pulverizar a ideia sacrílega e “ecumenista” da aliança de Baal com Jeová, num único sistema religioso.

Em 1º Reis 18.30-40, encontramos Elias, no Monte Carmelo, restaurando o altar do Senhor que estava em ruínas e, numa prova definitiva, oferecendo sacrifícios tão agradáveis a Deus que **“então, caiu fogo do Senhor e consumiu o holocausto”** (1º Reis 18.38).



Vencidos os idólatras de Israel, o povo reconheceu em Jeová o seu único e verdadeiro Deus.

.o.

Vê-se pelos mencionados fatos o contraste entre o plano sapientíssimo de Deus relativamente ao sacerdócio do Antigo Testamento e a realidade decepcionante criada pelas transgressões dos homens.

Afinal, como a Lei, o sacerdócio da Antiga Aliança, serviu para ressaltar a pecaminosidade dos homens e a urgência de salvação que somente o Redentor pode oferecer e aplicar pelo Seu sacerdócio exclusivo, eterno e imutável (Hebreus 7.20-28).

.oOo.

### 3

## JESUS PERANTE OS SACERDOTES

**O Messias viera cumprir** todo o Velho Testamento. Realizadas nEle, todas as promessas se completariam. Anular-se-ia o sacerdócio levítico, de vez que Jesus Cristo seria o único Sacerdote da Nova Lei.

Apesar de se encontrar o levitismo em vésperas de concluir definitivamente a sua missão, Jesus manteve-lhe o prestígio perante a Lei, ainda vigente.

Certa ocasião (Mateus 8.1-4; Marcos 1.40-45; Lucas 5.12-16), apresentou-se-lhe um leproso. Curou-o Jesus e o mandou mostrar-se ao sacerdote para cumprir os ritos impostos em Levítico 14, nos casos de cura da lepra.

Muitas pessoas lêem os evangelhos como se fossem livros humanos ou narrativas de acontecimentos dramáticos onde os personagens se afiguram desempenhando papéis de paixões desencadeadas. Esquecem-se que o escopo principal da vida de Jesus Cristo estava na Cruz para onde se dirigiam todos os Seus passos. Todos os acontecimentos de Sua vida se entrelaçavam à sombra da Cruz.

Em Cesareia de Filipe, ouviu Ele a confissão de Pedro: **“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”** (Mateus 16.16). Foi o primeiro dos apóstolos a proclamar a sua crença na Divindade do Mestre.

**“Desde esse tempo, começou Jesus a mostrar a Seus discípulos que Lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia”** (Mateus 16.21).

Realmente, no Sinédrio de Jerusalém, os principais sacerdotes iriam proclamar-lhe réu de morte por se declarar Filho de Deus!

**“E o sumo sacerdote Lhe disse: Eu Te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus. Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste”** (Mateus 26.63-64).

.O.

Os sacerdotes estavam assombrados com o que se dizia de Jesus e de Suas atividades. Temiam-no, entretanto. A má consciência gera temores...

Procuraram esgueirar-se em suas próprias ilusões.

Um dia Lhe perguntaram: **“Com que autoridade fazes estas coisas? E quem Te deu essa autoridade?”** (Mateus 21.23).

Perguntaram-Lhe não porque desejassem esclarecimentos. Preferiam o adiamento. (Adiar é o anestésico dos vacilantes...) E ficaram aliviados quando ouviram de Jesus esta declaração: **“Nem Eu vos digo com que autoridade faço estas coisas”** (Mateus 21.27).

.O.

O ministério de Jesus já havia atingido a culminância. Havia chegado a Sua hora. Aproximara-se a Cruz.

Na Sua condenação avultavam os sacerdotes como as figuras mais salientes. Ao encetar a Sua última viagem a Jerusalém, chamou os Seus discípulos e disse-lhes: **“Eis que subimos para Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Ele O condenarão à morte”** (Mateus 20.18).

.O.

Um dos grandes extravios do sacerdócio antigo está em se haver imiscuído nas tramas políticas. Mantinha, como parasita, o seu prestígio político junto ao povo, não obstante o domínio do Império Romano.

Nessa altura da história do povo hebreu, estava fazendo ele parte do Sinédrio. O Supremo Tribunal Judaico, a cuja alçada estavam os casos alheios à jurisdição romana, notadamente os feitos de blasfêmia e de violação da Lei.

O sumo sacerdote, no plano civil, agia especialmente como chefe do Sinédrio, a mais poderosa assembleia eclesiástica e secular.



Nas horas avançadas daquela noite, a alta basílica abobadada da câmara do conselho sinédrita, em que devia ser realizado o julgamento, achava-se iluminada com centenas de lâmpadas de azeite, colocadas em nichos abertos nas paredes. Vasto auditório, construído com enormes blocos de mármore era conhecido como o Palácio das Pedras Talhadas.

Em hemicírculos, sentavam-se em coxins os juizes. Ao centro, no alto do estrado, o sumo sacerdote, Caifás – o detentor do poder religioso – e o vice-presidente do Sinédrio. Ao redor do supedâneo, abancava-se os anciãos do povo, representantes da aristocracia leiga e naturais conselheiros jurídicos. Aos lados, por igual, os fariseus, reconhecidos popularmente pelo nome de escribas, indispensáveis neste plenário por serem os juristas da época. E, em cada uma das extremidades, estavam sentados os notários. De pé, os policiais da guarda.

O teto ecoava com o tom grave e monótono do vozerio.

Esfregando as pontas dos dedos, abanando a cabeça, revirando os olhos, espalmando as mãos em forma de leque, encolhendo os ombros, cochichando com um e com outros, Caifás ardia de impaciência, esperando a chegada do Prisioneiro.

.o.

Acesas iam as confabulações quando, no topo da alta escadaria, surgiu, entre dois imensos pilares de mármore, a figura de Cristo. Os guardas deixaram-se ficar para trás, a fim de que toda a assembleia O contemplasse.

Ao vê-IO, Caifás sentiu um abalo íntimo. A inexpugnabilidade daquele semblante alerta e tranquilo o atormentava, não porque ele não O compreendesse, mas porque começava a suspeitar que O entendia muito bem.

Conservando-se de pé, no centro, Caifás recebeu Jesus, que mantinha a cabeça levemente inclinada, talvez ouvindo o eco das palavras dos profetas há muito ignoradas.

Cingia a frente de Caifás um turbante azul bordado com ouro. No peito, a placa de bronze, insígnia do seu cargo, cintilante, com 12 pedras preciosas. A túnica ampla era também azul, mas a cinta de púrpura e ouro, era escarlate e, de sob as mangas, sobressaía o puro linho branco das vestes sacerdotais. De toda a corte, apenas ele usava sandálias, que mal eram percebidas debaixo da vistosa orla da sua túnica, na qual se viam bordadas romãs carmesins.

Antes de ter início o julgamento, Caifás orou com entonações teatrais e pausas histriônicas. Devia ter principiado por fazer o sacrifício matinal, mas omitiu esse pormenor. Apenas ergueu as mãos e juntou-as logo abaixo do último anel de sua barba redolente. Fez-se silêncio quando levantou a voz num cântico a Javé.

Sabia a assembleia estar destituída do poder de aplicar a pena de morte. Mas, para entregar o preso à magistratura romana, era mister salvar as aparências e dar à farsa jurídica um colorido de legalidade.

Almas corroídas, aqueles homens transformaram o seu sacerdócio levítico num achincalhe religioso!

.o.

Uma após uma, desfilaram pela sala do julgamento as testemunhas. A precipitação, porém, não permitiu tempo a que os sacerdotes ensinassem acusações contestes. Anulavam-se em suas contradições!

**“Final compareceram duas, afirmando: Este disse: Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias”** (Mateus 26.60-61).

Duas testemunhas! Justamente o mínimo exigido pelo Deuteronômio. E a acusação é gravíssima por se tratar do grande monumento nacional. Por semelhante motivo, quase fora dilapidado o profeta Jeremias e martirizado será Estêvão.

Não convinham, porém, ao sumo sacerdote estas testemunhas por lhes carecer coerência (Marcos 14.59).

Jesus, por Seu turno, colocara-se numa posição favorabilíssima: fechara-se em silêncio (Mateus 26.63).

O astuto Caifás vai tirar os circunstantes interessados desta situação embaraçosa. Forçará o réu a sair do mutismo por um meio pouco digno de um magistrado: intimidando a vítima. **“Nada respondes ao que estes depõem contra Ti?”** (Mateus 26.62).

O sacerdócio levítico, naquela noite, atingira o clímax da sua existência. Precisava desfechar o seu último gesto. Concretizar o seu derradeiro ato. Cumprir a sua finalidade máxima: condenar ao sacrifício a Suprema Vítima!

Sem se aperceber dessa tremenda realidade, Caifás o sumo sacerdote, precipita a cilada jurídica e, de pé, rubro de cólera, brada: **“Eu Te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus”** (Mateus 26.63).

Interpelado em Nome de Deus, Jesus falará!

.o.

E o Filho de Deus não se encarnara para morrer?

.o.

**“Tu o disseste!!!”** (Mateus 26.64). Com sublime consciência, dignidade majestática e voz firme, respondeu Ele.

Quando o Sinédrio O ouviu admitir a Sua Divindade, foi como se tivesse desencadeado uma tempestade. **“O sumo sacerdote rasgou as suas vestes... É réu de morte”** (Mateus 26.65-66).

Estava decidido! Encontrara-se a causa para a condenação!!!

Por ser Filho de Deus, Jesus deveria morrer!

Pobres cegos! Condutores de cegos!

Com as mãos tintas do sangue das vítimas dos sacrifícios da antiga Lei, eles mesmos, ignorando cumprirem as salvíficas determinações de Deus, entregam Jesus à morte por ser Filho de Deus!

**“Eu não acho nEle crime algum”** (João 19.6), declarava Pilatos.

**“Temos uma lei e, de conformidade com a lei, Ele deve morrer, porque a Si mesmo Se fez Filho de Deus”** (João 19.7), era a afirmativa uníssona dos acusadores.

O último gesto do sacerdócio agonizante foi entregar à morte o Filho de Deus para a redenção da Humanidade.

E, ao dar Jesus o último brado: **“Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito”** (Lucas 23.46), **“eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes, de alto a baixo...”** (Mateus 27.51).

.oOo.

## 4

# VESTES EM FARRAPOS... E O VÉU PARTIDO...

**Era costume entre os hebreus** rasgar as vestes como manifestação de grande sentimento ou pesar, como fez Jacó, quando recebeu a notícia da morte de seu filho José, e Davi, ao saber da morte de Saul.

Quando Jesus, perante o Sinédrio, proclamou-se Filho de Deus, **“o sumo sacerdote rasgou as suas vestes”** (Mateus 26.65).

Ao atirá-las para longe e em farrapos, Caifás estava realmente a despojar-se da dignidade sacerdotal, marcando o termo do sacerdócio levítico.

.o.

Jesus chamou templo ao Seu corpo, porque habitava nEle a plenitude da Divindade. O templo de pedra de Jerusalém não passava de um símbolo do corpo de Jesus.

No imenso interior do conjunto arquitetônico sobressaía um grande véu. Cobria a arca do Testamento e fazia a separação entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos (Êxodo 26.33).

**“De estofos azul, púrpura e carmesim, e de linho fino retorcido... suspendê-lo-ás sobre quatro colunas de madeira de acácia, cobertas de ouro”** (Êxodo 26.31-32).

O véu ocultava às vistas do povo também o propiciatório sobre o qual o sacerdote espargia o sangue das vítimas.

**“Fará expiação pelo santuário por causa das impurezas dos filhos de Israel”** (Levítico 16. 16).

.o.

Naquela tarde de sexta-feira estava para ser erguido o grande marco divisor da História...

O silêncio no Calvário é entrecortado pelos soluços das mulheres. Jesus agonizava, arrancando do Seu peito arfante a respiração que se espaça cada vez em mais longos intervalos.

A duzentos passos de distância, na Colina de Moriá, começa o sacrifício vespertino. Do alto das ameias seteadas, os vigias do Templo embocavam as trombetas na direção dos quatro pontos cardeais. Balados e mugidos das vítimas sagradas escapavam-se dos átrios abertos, mal abafados pelas vozes dos cânticos e pelos acordes dos instrumentos musicais.

Do átrio dos sacerdotes, subia, lento e triste, no ar que aos poucos se aclarava, a coluna pardacenta das resinas aromáticas queimadas em louvor de Javé.

De repente, o firmamento se fechou em densa noite sem estrelas. As silhuetas das montanhas e das árvores adensam o negrume da noite inesperada, traçando fantasmas... Retumbam estampidos, sacudindo os montes e abalando a cidade... Rolam as rochas pelas encostas, estrondando nos vales...

**“Está consumado!”** (João 19.30).

**“E Jesus... entregou o espírito. Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes, de alto a baixo”** (Mateus 27.50-51).

Rasgara-se porque, doravante, os homens podiam aproximar-se de Deus quantas vezes quisessem e sem intermediários. O Deus invisível deixara de ser inacessível...

Rasgara-se entre fenômenos telúricos, pois o verdadeiro sacrifício não era esse que se erguia sobre o Moriá, mas o outro que se

consumava no Calvário, onde se atravessava na Cruz o verdadeiro Cordeiro pascal, bem distinto do anho branco colocado sobre duas hastes de romãzeira.

Rasgara-se completamente, e com toda a razão, porquanto o sacrifício do Gólgota era consumado por Aquele que era, ao mesmo tempo, Sacerdote e Vítima, segundo a bela expressão: “Sacerdos sui victima, victima sui Sacerdotii”.

Rasgara-se de vez, porquanto o sacrifício da Cruz, ofertado uma vez por todas, substituiu a todos os outros que ficavam na dobras do passado, como sombra, símbolo, figura – e sem exigir outros para o futuro porque os seus méritos têm uma permanência infinita e perene.

.O.

No instante da morte de Jesus, rasgou-se o Véu do Templo, “**de alto a baixo**”, evidenciando o fim do Concerto Antigo, com seus sacrifícios e seu sacerdócio!

Os trajes sacerdotais foram rasgados e destruídos pelas mãos do próprio sumo sacerdote, mas o Véu do santuário fora rasgado pela mão do próprio Deus.

Caifás rasgou de **baixo para cima**, como era costume, e para significar, ainda, a participação do homem no encerramento definitivo das atividades do sacerdócio levítico. O fato de se ter rasgado o Véu do Templo, “**de alto a baixo**”, era o indício de que aquilo não se fazia por mão de homem, mas pela mão do próprio Deus, o qual ordenara que, enquanto vigorasse a Antiga Lei, estivesse corrido o Véu diante do Santo dos Santos. Agora, na morte de Seu Filho, decretou que fosse definitivamente retirado.

O que desde sempre se considerou sagrado, ficava agora patente e manifesto aos olhos de todos, como coisa comum e ordinária, ao mesmo tempo que, no Calvário, à vista do Templo, quando um soldado atravessou o peito de Cristo, se descobria o novo Santo dos Santos, contendo a arca do Novo Testamento e os tesouros de Deus – o AMOR redentivo do nosso amado Salvador.

A morte de Cristo foi a desconsagração do Templo terreno, pois Ele havia de reedificar o Novo Templo em três dias. No velho Santo dos Santos só podia entrar um homem e uma vez ao ano; agora, como rasgar do véu que separava a santidade do povo e os judeus dos gentios, a todos era dado acesso ao Novo Tempo, Cristo, Salvador nosso.

Existe intrínseca conexão entre o transpassar do coração de Cristo, na Cruz, que fez correr sangue e água, e o rasgar do Véu do Templo. Foram dois os véus que se rasgaram: um, o Véu de púrpura do Templo, abolindo a antiga lei; outro, o Véu da carne de Cristo, patenteando o

Santo dos Santos do Divino Amor que punha o Seu tabernáculo entre nós.

Em ambos os casos, manifestou-se o que era santo: no primeiro, o Santo dos Santos que não passava de uma figura; no segundo, o verdadeiro Santo dos Santos, Jesus Cristo, o único e suficiente Redentor, através do qual os culpados têm acesso a Deus.

O Véu do antigo Templo significava que o céu se mantinha fechado para todos enquanto o sumo sacerdote, enviado pelo Pai, não rasgasse o Véu e franqueasse a entrada.

A Carta aos Hebreus, em 9.8-12, nos lembra: “Querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido... Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação, não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo Seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção”.

Depois, comparando o véu da carne com o véu do Templo, a mesma Carta aos Hebreus continua em 10.19-20:

“Tendo, pois irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela Sua carne”.

Mil anos antes, Davi, referido-se ao Messias, escreveu: **“Sacrifícios e ofertas não quiseste; abriste os meus ouvidos; holocaustos e ofertas pelo pecado, não os requeres. Então Eu disse: Eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a Meu respeito; agrada-Me fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; dentro do Meu coração está a Tua lei”** (Salmo 40.6-8).

Ao olhar para os sacrifícios dos animais, para as oferendas consumidas pelo fogo com o fim de alcançar o favor divino e para os objetos oferecidos como reparação pelos pecados, a mente do salmista considerou-os demoradamente para, no fim, pô-los de parte. Pois sabia muito bem que estes touros, bodes e ovelhas sacrificados não podiam, realmente, afetar as relações do homem com Deus. Previa que num futuro, mais ou menos longínquo, Deus faria habitar a Divindade num corpo humano, como num templo e que viria ao mundo com um único fim, isto é, entregar a Sua vida, conforme a vontade divina.

Davi proclamou que a encarnação de Deus aperfeiçoaria os sacrifícios e o sacerdócio da lei judaica. A figura teve plena realização quando o imaculado Cordeiro de Deus Se ofereceu ao Pai celeste.

A casa sacerdotal de Levi acabava de ser dissolvida. A Ordem de Melquisedeque tornava-se lei na casa de Levi. Foi retirado o sinal de



“Entrada Proibida” posto à entrada do Santo dos Santos no Templo terrestre.

Quando Cristo entrou no mundo para dar cumprimento à ordem de Melquisedeque, a casa de Levi negou-se recebê-lo. De fato, Levi exigiu-Lhe os dízimos poucas semanas antes de Sua morte, pedindo-Lhe o imposto do Templo. Mas, ao rasgar-se o Véu do mesmo Templo, o sacerdócio de Melquisedeque entrou no que Lhe pertencia e, com Ele, o verdadeiro Santo dos Santos, a verdadeira arca da Nova Aliança, o verdadeiro Pão da vida – Cristo, o Filho do Deus vivo.

.oOo.

## 5

### “REQUIEM” SOBRE CINZAS...

**Profissionais das coisas sagradas**, os sacerdotes se encastoavam na Lei que – pensavam – lhes garantia estabilidade dentro de suas funções e, quais cegos condutores de cegos, não se convenciam que o seu fim já havia chegado e que o Plano de Salvação dos homens que Deus oferecia mediante Jesus Cristo era vigente em plenitude desde aquela sexta-feira de Nizan, cheia de acontecimentos trágicos, sucedida por aquele domingo pleno de notícias ressurrecionais.

Imponentes, bem postos economicamente, saudados com mesuras, revestidos de honrarias pela sociedade judaica formalista, representantes oficiais da religião dos antepassados, mal percebiam o desdém que o povo lhes votava.

A situação dos sacerdotes aproveitadores do resquício da presença simulada do sacerdócio levítico falido com o Mistério da Redenção, era de causar comiseração. Refere uma tradição rabínica que uma ocasião, o povo, desesperado, gritou no átrio do Templo: “Fora daqui! Fora daqui! Filhos de Eli, fora daqui! Conspurcastes a casa de nosso Deus!” (Sukkah, pal. IV, 54d).

É verdade que o Templo de Jerusalém era o único centro espiritual do Judaísmo. Ao seu redor, desenvolveu-se a hierarquia sacerdotal, atendendo as prescrições divinas concernentes aos sacrifícios. Todavia, circunstâncias várias, inclusive a da distância de muitas localidades que impedia as contínuas idas ao santuário nacional de Israel,

ocasionaram a construção de sinagogas com o escopo de manter a religiosidade entre o povo, através de programas de oração e de instrução religiosa.

As sinagogas não tinham aspecto de contra-altar do Templo e nem sua finalidade era substituir o único Templo israelita. Não gozavam do privilégio de proceder a litúrgica sacrificial, delimitada exclusivamente àquele Templo e, por isso, nem dispunham de sacerdotes em caráter permanente, cabendo sua direção a um chefe escolhido dentre os anciãos da comunidade local.

Essas instituições, se trouxeram benefícios de ordem coletiva, também tiveram o seu aspecto negativo relativamente aos sacerdotes porque distanciavam o povo cada vez mais desses “profissionais” religiosos.

Difundiram-se as sinagogas por todas as cidades da Palestina. Pelo século III a. C., em diversas regiões do Império Romano, fora dos limites palestinos, conheceram-se cerca de 150 povoações providas de sinagogas. E, no século I a. C., só em Roma existiam 13 estabelecimentos religiosos. Tanto maior era essa disseminação de sinagogas, mais significava o afastamento da parte do povo para com os sacerdotes. Providência divina que estabelece os acontecimentos históricos para realizar os Seus planos imperscrutáveis!!!

Cada vez mais decrescia o prestígio dos sacerdotes e cada vez mais crescia a repulsa do povo contra eles.

A este propósito, temos ainda notícia de um fato extraordinário que merece ser recordado. Conta o historiador judeu Flávio Josefo que, num dos últimos anos anteriores à catástrofe nacional e ao incêndio do Templo, “na festa que se chama Pentecostes, estando reunidos os sacerdotes no Templo interior – como então era costume para os ofícios litúrgicos – afirmaram que sentiram, primeiro, um estremecimento e uma pancada e, depois, uma palavra coletiva: “Nós partimos deste lugar” (Guerras Judaicas, VI, 299). Aquele que habitava permanentemente no Templo e naquele momento de lá partia, era Javé, Deus de Israel que aqui fala na primeira pessoa do plural, como, outrora, no Gênesis 1.26, ao criar a humanidade.

Deste modo interpreta o fato o historiador pagão Cornélio Tácito, confirmando a narrativa do historiador judeu: “*Expasae repente delubri fores et audita maior humana vox “Excedere Deos”, simul ingens motus excedentium*” (Hist., V, 13). Já que os filhos de Eli não abandoavam o Templo diante do clamor do povo exasperado, o próprio Deus o abandonou, deixando aos sacerdotes um templo agora vazio de Deus.

Os judeus, subjugados pelo dominador romano, sempre almejavam um líder de sua independência nacional. Jesus mesmo foi alvo dessa

escolha a tal ponto que, após a multiplicação dos pães, precisou esconder-se porque queriam aclamá-lo rei.

Após Sua ascensão aos céus, recrudesceram as rivalidades entre os judeus e os romanos. O Governador da Judéia, Gessius Florus, tornou-se cruel opressor. Foram inúteis os clamores dos judeus ao Governador da Síria. Deu-se então, sob a liderança de Eleazar, a insurreição contra os romanos. Por ordem de Nero, Vespasiano dirigiu o exército romano. Conquistara aos judeus o Forte Massada, no Mar Morto, e outras fortalezas. Assumindo o trono, Vespasiano deixou ao seu filho Tito a conquista de Jerusalém.

Infrutíferas se tornaram as demarches de Josefo Flávio no sentido da rendição dos judeus. Tito apertou ainda mais o cerco. Os judeus cristãos, refugiados na Peréia, desde o ano 66, souberam da consumação da profecia sobre a destruição de Jerusalém, consignada no evangelho de São Mateus 24.15-28. Mulheres famintas se alimentavam com as carnes dos seus próprios filhos por elas assassinados. Num só dia, foram crucificadas 500 pessoas que tentaram fuga da cidade cercada. Num outro, foram estripados dois mil judeus porque engoliram suas jóias na pretensão de não entregá-las aos romanos. Mais de um milhão de judeus foram mortos durante o cerco de Jerusalém.

Que responsabilidade terrível a desses sacerdotes empedernidos no seu orgulho de casta eclesiástica!

É a oportunidade de se recordar também a profecia de Miquéias: **“Por causa de vós [sacerdotes], Sião será lavrada como um campo, e Jerusalém se tornará em montões de ruínas”** (3.12).

E o Templo, o reduto do sacerdócio araônico, foi arrasado, não lhe sobrando pedra sobre pedra!!! O estrondo da queda da última parede do Templo foi o último “Requiem” cavernoso e tremendo sobre as cinzas de um sacerdócio extinto ao brado do Divino Crucificado: **“Está consumado!”** (João 19.30).

Os decretos de Deus são insondáveis! Passados os acontecimentos, vê-se às claras a manifestação de Deus.

Estava mesmo liquidado para sempre e também diante da História o sacerdócio levítico, o qual não tinha mais razão de ser. O Imperador Tito não se satisfaz com a vitória, Desejou ostentá-la. E nem supunha que estivesse cumprindo uma determinação divina no sentido de diluir totalmente qualquer vestígio do Templo e do seu sacerdócio. Mandara o Imperador vitorioso levar para Roma, além de muitos prisioneiros, vários utensílios sagrados, dentre eles, a mesa de ouro para os pães da proposição, o candelabro sagrado, o livro da Lei, mandando gravar neles, em baixo relevo, o Arco de Tito.

E, para desbaratar qualquer tentativa de se ressurtir um novo agrupamento de sacerdotes, no local do antigo santuário, Deus permitiu um outro acontecimento. No próprio Monte Moriá, Adriano edificara um templo dedicado a Júpiter Capitolino, que se constitui num histórico e arquitetônico atestado de óbito do sacerdotalismo levítico.

.o.

Com o sacerdócio de Jesus Cristo, encerrara o sacerdócio levítico a sua missão. Nesse caso, por que permitir-se que alguns decrépitos insistissem em sua permanência superada e inútil?

.oOo.

## 6

# GERMES DA APOSTASIA

**Jesus teve de enfrentar pessoas** de dura cerviz e de inteligência rude, empedernidas pelo orgulho dos seus corações na prática do formalismo religioso. Seus apóstolos, homens simples, porém atingidos pela influência nefasta do meio ambiente, tiveram dificuldades sérias de entender o Mestre, apesar da convivência diuturna. Tão arraigados eram ao Judaísmo, a religião dos seus antepassados, que esperavam de Jesus um gesto épico de salvação política para o Reino de Israel.

Não menores dificuldades encontraria o Evangelho em sua difusão inicial, das quais brotariam graves apostasias. O maior obstáculo nem seriam as perseguições advindas de elementos estranhos e sim dos que se diziam discípulos.

Em Atos dos Apóstolos e na Carta de Paulo aos Gálatas, constata-se a luta do apóstolo das gentes contra a intromissão de um Evangelho espúrio. Nessa sua Carta, escreveu no capítulo 1.6-9: **“Admira-me que estejais passando tão depressa dAquele que vos chamou na graça de Cristo, para outro Evangelho; o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o Evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós, ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue Evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega Evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema”**.

Quem tem um pouco de boa vontade e o espírito livre dos preconceitos e heresias do catolicismo romano, com uma leitura inteligente das Epístolas Paulinas qual seja o Evangelho da Graça, sintetizado em poucas palavras na Carta aos Gálatas (2.16): **“Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e, sim, mediante a fé em Cristo Jesus, também nós temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obras da lei, ninguém será justificado”**.

E no verso 21 desse mesmo capítulo segundo encontra-se esta conclusão definitiva: **“Pois se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão”**.

**.O.**

O povo hebreu foi depositário da revelação divina a quem coube a sustentação da fé monoteísta, dentro de um mundo pagão e estonteado com uma imensa multiplicidade de deuses. Toda a sua longa história se constitui em longa espera do Messias prometido. Com o Seu advento, Este “cumpriu” a lei e as profecias. Após a Sua ascensão gloriosa aos céus, os Seus discípulos se organizaram em comunidades absolutamente desligadas da igreja judaica que, com a morte e ressurreição de Jesus Cristo, havia concluído definitivamente a sua missão.

Todavia, o desligamento no sentido prático e histórico, deu-se lentamente. Aliás, não poderia deixar de ser, em vista mesmo da organização teocrática da nação de Israel. O primeiro passo dessa separação se observa com a admissão dos gentios, a começar por Cornélio, e pelo estabelecimento da igreja em Antioquia, no ano 42 d. C., onde as conversões eram abundantíssimas.

O ingresso dos gentios suscitou a questão chamada “judaizante” ou “legalista”, configurada nas pretensões daqueles que queriam impor aos gentios as obras da lei, representadas em seu conjunto no rito da circuncisão judaica, como condição essencial à salvação.

Os fariseus convertidos, como saudosistas, sonhavam com a salvação pelas obras da lei, como condição indispensável.

Essa mentalidade “judaizante”, surgida em algumas áreas do Cristianismo, tornou-se um grave perigo. Apegada à Lei e ao sacerdotalismo, às obras da Lei e ao ritualismo, aos méritos humanos e aos sacrifícios – é bom que se esclareça este ponto – culminou com a implantação lenta, mas progressiva, de uma torrente de apostasias, cognominada de catolicismo romano, a que os crentes genuínos dos séculos III e IV chamavam de “Igreja da Hierarquia”.

Diz-se que essa instituição vem dos apóstolos.

Não é verdade!

Vem mesmo daqueles tempos. Mas não dos apóstolos. É resultante, sim, desse desvio anatematizado por Paulo, cujos sequazes foram denominados “judaizantes” ou “legalistas”.

Desfigurando e diminuindo o valor infinito do sangue de Cristo, único e todo-suficiente Redentor dos homens, esses primeiros apóstatas tornaram-se em problema crucial desde o primeiro século.

Ia acesa essa questão quando, no ano 51 d. C., promoveu-se, em Jerusalém, uma reunião dos apóstolos e presbíteros para se estudar e resolver o magno problema: a justificação vem somente pela fé em Jesus Cristo ou também depende da circuncisão e de outras obras da Lei?

O sangue remidor de Jesus Cristo é suficiente ou se necessita praticar boas obras, cumprir preceitos ritualistas, observar cerimônias para a salvação? Jesus Cristo nos salva mesmo ou cada um precisa desenvolver esforços pessoais para salvar-se, além de aceitá-lo pela fé e confiança como seu Salvador pessoal?

Ao lermos em Atos dos Apóstolos (15.1-27) o relato sobre o acontecimento histórico dessa reunião, em que Tito se tornara em caso de teste, verificar-se-á à saciedade que Paulo fora a Jerusalém não para buscar conhecimentos teológicos, mas para lutar pela verdade do Evangelho e para defendê-lo contra os ataques dos “legalistas”.

Fora proclamar Jesus Cristo **“o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação”** (Romanos 4.25).

Fora proclamar que **“justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”** (Romanos 5.1).

Fora proclamar que **“pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie”** (Efésios 2.8-9).

Fora proclamar que **“todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus”** (Romanos 3.23-24).

Fora proclamar o poder de Deus **“que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a Sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus”** (2ª Timóteo 1.9).

Fora proclamar que **“ninguém é justificado diante dEle por obras da lei”** (Romanos 3.20).

Fora proclamar o inaudito Evangelho: **“O homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei”** (Romanos 3.28).

Atribuir-se a outros méritos a justificação diante de Deus é corromper o Evangelho da Graça. E o encontro de Jerusalém, que a apostasia romanista maldosamente teima em chamar de primeiro concílio

ecumênico, tornou-se na revelação desse bendito e glorioso Evangelho da Graça. O catolicismo romano com a sua doutrina de justificação pela fé e pelas obras, se tornou, sim, em obra prima de Satanás para a perdição de milhões de almas.

No Monte Sinai, Deus entregou a Moisés o Seu Decálogo para que o mesmos e constituísse no espelho onde nos miraríamos prevaricadores constantes e pecadores contumazes.

A lei não nos regenera! Ela é insuficiente!!!

Ela é insuficiente porque não capacita o homem a obedecer a Deus. A lei manda, mas não dá o poder de obedecer o mandamento.

**“Revoga-se a anterior ordenança por causa de sua fraqueza e inutilidade”** (Hebreus 7.18).

Parecia a muitos inovação o Evangelho da Graça e não se conformavam com a invalidação dos esquemas mosaicos, realmente estabelecidos por Deus, mas agora superados divinamente em Cristo Jesus.

Os “judaizantes” não concebiam religião sem sacerdotalismo, o qual é inerente às obras da Lei e à mesma Lei. Baseado no sacerdócio levítico, o povo recebera a Lei (Hebreus 7.11).

Lei e sacerdotes – porque se correlacionam e se interdependem – são as colunas estruturais do Judaísmo!

O Evangelho da Graça, todavia, é perfeito, ideal e definitivo. Seu único sacerdote é Jesus Cristo. Tudo o mais é apostasia.

E a permanência das ideias judaizantes é apostasia do Evangelho!

**.o.**

As Cartas de Paulo aos Romanos e aos Gálatas, de modo especial, deixaram a questão, não simplesmente esclarecida, mas definida.

O encontro de Jerusalém, no ano 51, trouxe a solução bíblico-teológica, como regra de fé, no caso, definitivo: A fé nos méritos infinitos de Jesus Cristo é suficiente para a salvação. As pretensas boas obras – como supostos coadjuvantes na salvação – demonstram falta de confiança em nosso amado Salvador.

A questão judaizante, porém, continuou em pauta para um grupo rebelde, sobretudo em Antioquia, onde o próprio Pedro incorreu em suas ciladas, tornando-se repreensível e merecedor de sérias admoestações de Paulo ( Gálatas 2.11).

Diz o velho aforisma popular: Deus escreve direito por linhas tortas. E foi o caso. A questão suscitada pelos “judaizantes”, que almejavam as obras da lei como recurso de salvação, recebeu de Paulo, na reunião de Jerusalém e em sua repreensão a Pedro em Antioquia, o seu “tiro de misericórdia”.

Nessa tendência judaizante, porém, vê-se à evidência a primeira semente do catolicismo romano, anatematizado por Paulo, desde o seu

início. Só os cegos não percebem isso e se curvam às deturpações interesseiras da igreja apóstata.

.oOo.

## 7

# O AUTÊNTICO MINISTÉRIO DA IGREJA

**Os discípulos de Jesus Cristo** que, no fim do primeiro século, se elevavam a 500.000, disseminaram-se por vastas regiões do Império Romano e atingiram quase todos os setores da vida humana e quase todas as camadas sociais.

Todos eles, onde quer que estivessem, ocupassem os postos que ocupassem, desenvolvessem as tarefas que desenvolvessem, no seu todo, faziam parte da Igreja de Jesus Cristo.

A Igreja, em sentido genérico, não é organização externa. É invisível e se constitui de todos os que realmente estão unidos, pela fé, em Jesus Cristo. Constitui-se pelos “nascidos de novo”, pelos salvos, pelos **“santos em Jesus Cristo”** (Filipenses 1.1), pelos que **“invocam o Nome de nosso Senhor Jesus Cristo”** (1ª Coríntios 1.2).

Referindo-se a essa Igreja como instituição, totalidade dos crentes, não congregados num lugar, mas espalhados por toda parte, Pedro escreveu em sua Primeira Carta (2.9-10): “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz, vós, sim, que antes não éreis povo, mas agora sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia”.

Cristo é o Chefe soberano e único dessa Igreja, pelo qual – e unicamente por Ele – os crentes se unem em um só corpo, do qual a cabeça é o próprio Cristo.

**“Cristo é o cabeça da igreja, sendo Este mesmo o Salvador do corpo”** (Efésios 5.23). **“Assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só**



**Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres”** (1ª Coríntios 12.12-13).

Desta Igreja, Jesus Cristo também é o seu único Fundamento, a sua Rocha indestrutível sobre a qual esboroam-se todas as invectivas satânicas. Esta Rocha inabalável é que dá segurança aos crentes porque sabem em quem confiam.

Ao ouvir a proclamação de Pedro, reconhecendo a Sua Divindade: **“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”** (Mateus 16.16), Jesus Cristo lhe assegura: **“Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelaram, mas Meu Pai que está nos céus”** (Mateus 16.17).

Realmente, crer-se em Jesus Cristo nas condições da proclamação de Pedro, não é resultado de méritos humanos ou de obras da Lei. É revelação maravilhosa de Deus! Jesus preparava Pedro para o ministério da pregação e ele, após o Pentecoste, seria o instrumento para Deus abrir as portas da Dispensação Cristã aos gentios. Deveria convencer-se que as conversões não seriam resultado dos seus esforços ou de sua atuação! Sim: dom gratuito de Deus!

E prosseguiu Jesus: **“Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”** (Mateus 16.18).

Cristo é a Pedra! Cristo é a Rocha!

Se Pedro fosse a Pedra, quão frágil fundamento teria essa Igreja! Na Sua onisciência divina, Jesus sabia que homens orgulhosos no futuro iriam corromper o sentido límpido de Suas palavras e, por isso, para significar bem a Pedro que a Pedra era Ele, Cristo, e ninguém mais, concluiu o diálogo. Dirigiu-se aos Seus discípulos, mostrando-lhes que Lhe era necessário seguir para Jerusalém a fim de padecer, ser morto e ressuscitar. Pedro protesta e O reprova, dizendo-Lhe: **“Tem compaixão de Ti, Senhor; isso de modo algum Te acontecerá”** (Mateus 16.22).

Observem-se as palavras de censura que Jesus dirigiu a Pedro: **“Arreda! Satanás; tu és para Mim pedra de tropeço”** (Mateus 16.23).

Evidentemente que Pedro, motivo de escândalo para Jesus, jamais poderia se constituir em Rocha da Sua Igreja.

Jesus, sim! Jesus é a Rocha inabalável de Sua Igreja!

E o próprio Pedro assim o compreendeu. Diante do Sinédrio, proclamou: **“Este Jesus é a pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular”** (Atos 4.11).

Ainda em sua Primeira Carta (2.4-7), Pedro proclama Jesus Cristo como a Pedra.

São Paulo também atribuiu a metáfora Pedra a Jesus Cristo. **“Já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos e sois da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos**

**apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular**” (Efésios 2.19-20).

Os crentes, **“santificados em Jesus Cristo”, “raça eleita”, “sacerdócio real”, “nação santa”, “povo de propriedade exclusiva de Deus”, “quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres”** – todos esses que faziam parte da Igreja invisível, tendo como único ponto de referência, como Cabeça, Chefe e Rocha indestrutível a JESUS CRISTO – se organizavam em assembleias, ou comunidades, ou igrejas particulares, locais, visíveis – como departamentos da Igreja Universal, para praticar e propagar o Evangelho da Graça.

Para ilustrar. Em linguagem genérica, nós dizemos, por exemplo: A Família é o alicerce da Sociedade! Referimo-nos, no caso, a todas as famílias. Quando dizemos: A família Aires de Souza, particularizamos o termo genérico família.

Ao dizer: Igreja em termo genérico, entendemos a Igreja Universal, invisível. E particularizamos, dizendo a Igreja em tal localidade ou a Igreja reunida na casa de Fulano de Tal.

A própria disseminação dos discípulos de Cristo exigia a multiplicação das igrejas. **“E [Paulo] passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas”** (Atos 15.41). **“Isto lhe agradeço, não somente eu [Paulo], mas também todas as igrejas dos gentios”** (Romanos 16.4). **“Ande cada um segundo o Senhor lhe tem distribuído, cada um conforme Deus o tem chamado. É assim que ordeno em todas as igrejas”** (1ª Coríntios 7.17). **“Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus”** (1ª Tessalonicenses 2.14).

Neste sentido de igreja como corporação local, encontramos 94 passagens nos diversos livros neotestamentários. E 13 vezes no significado de Igreja Universal e invisível.

Esses departamentos que fazem a Igreja visível têm por missão manter e difundir a Verdade. Ela não pode criar, nem alterar a Verdade.

Qual, pois, a Verdade que as igrejas locais, as comunidades dos crentes em Jesus Cristo, devem sustentar? E propagar?

A Verdade sob o aspecto da ciência humana? Ou material?

A Verdade sob alguma faceta possível da política ou da filosofia?

Qual é essa Verdade?

Responde-nos o próprio Jesus Cristo: **“A Tua Palavra é a Verdade!”** (João 17.17).

E, como a Sua própria personificação – e não é Ele o Verbo (a Palavra) encarnado? – podia dizer: **“Eu sou... a Verdade”** (João 14.6).

A Palavra de Deus, que é a Verdade a ser proclamada pelas igrejas locais, se contém na Bíblia Sagrada – que nunca pode ser submetida a

interpretações, tradições ou doutrinas de homens, por mais eminentes que sejam. A Revelação Divina é absolutamente completa e suficiente.

Entre as igrejas locais, cuja forma bíblica de governo é o democrático, os apóstolos ocupavam uma posição de destacada autoridade. Lembremo-nos que se estava ainda no período da revelação bíblica, de vez que este se encerrou com a morte do último apóstolo e evangelista, São João.

Foram eles que convocaram a comunidade dos crentes e instituíram os diáconos (Atos 6.1-6). Em sua Primeira Carta aos Coríntios (12.28), São Paulo, entre os diversos dons da igreja, destaca o de apóstolo.

O cargo de apóstolo era único e passageiro. Com a morte dos apóstolos, diretamente escolhidos por Jesus Cristo, encerrar-se-ia o período da revelação oficial divina, bem como extinguir-se-ia o cargo de apóstolo – como realmente se extinguiu.

Para o futuro, completada a revelação divina, cabia a outros a propagação dos ensinamentos de Deus, expressos oficialmente e explicitamente em Sua revelação, encontrada em Seu divino depósito que é a Bíblia.

Às igrejas é que coube essa atribuição a ser desempenhada pelo seu ministério. O ministério é classificado por São Paulo como **“cooperadores”** com as igrejas (2ª Coríntios 1.24). Não há, de modo nenhum e nem no exercício da evangelização, quaisquer vislumbres de hierarquia clerical nas igrejas neotestamentárias.

O ministério das igrejas é composto apenas de dois cargos, divinamente estabelecidos e já em vigor nos tempos apostólicos: diáconos e presbíteros, ou anciãos, ou bispos ou pastores. E nem se vê nas páginas do Novo Testamento nenhum vislumbre de sucessão apostólica.

Os bispos, ou presbíteros, ou pastores não são sucessores dos apóstolos. Em Atos 15.2, verifica-se a distinção entre os apóstolos e presbíteros, ou anciãos, ou bispos, ou pastores. E ainda: **“Tendo eles [Paulo e Barnabé] chegado a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros”** (Atos 15.4). **“Então se reuniram os apóstolos e os presbíteros”** (Atos 15.6). **“Pareceu bem aos apóstolos e aos presbíteros”** (Atos 15.22). **“Os irmãos, tanto os apóstolos como os presbíteros...”** (Atos 15.23).

Fizemos várias citações para demonstrar à evidência que os apóstolos jamais designaram sucessores. E note-se, ainda, que o próprio Timóteo foi ordenado ao ministério por um presbitério ou concílio (1ª Timóteo 4.14). Não se encontra em nenhuma passagem bíblica, nenhum apóstolo impondo as mãos para ordenar presbíteros, ou bispos, ou pastores. Deus permitiu que nada constasse justamente

para não deixar nenhuma brecha a interpretações dúbias. Só a maldade orgulhosa dos homens poderia criar essa espúria sucessão apostólica!

.O.

No capítulo 6 de Atos dos Apóstolos, encontramos a instituição dos diáconos, cuja finalidade é a gerência das finanças da comunidade e o cuidado dos pobres.

Todavia, o ministério da Palavra de Deus cabe à responsabilidade do presbítero, ou ancião, ou bispo, ou Pastor. São três títulos para uma única e exclusiva função.

Presbítero é termo de origem judaica e quer dizer ancião. É um termo que, pela sua mesma etimologia, expressa dignidade de cargo. O catolicismo romano alega que a própria palavra “sacerdote” deriva dessa palavra “presbítero”. Nada mais falso! Vem, sim, da palavra grega “hierus”, que significa “intermediário, medianeiro”.

Bispo é um termo de origem grega e tem o significado de superintendente, organizador, diretor. São Paulo é o único a empregá-lo para designar o ministério da igreja.

Pastor é uma expressão de ternura encontrada somente em Efésios 4.11. Na Bíblia este termo tem um grande significado de carinho e doçura (Salmo 23; João 10). Jesus é **“Pastor e Bispo”** (1ª Pedro 2.25). Os ministros evangélicos, em vez de presbíteros ou bispos, preferem ser denominados de pastores por causa da auréola de afetividade que envolve este termo.

Bispo era sinônimo de presbítero. E ambos eram sinônimos de pastor. Bispo não significa nenhuma autoridade superior. Nem muito menos chefe de uma região, circunscrição eclesiástica, bispado ou diocese.

São Paulo mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja (Atos 20.17). E, quando se encontravam com ele, disse-lhes: **“Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue”** (Atos 20.28).

Vê-se ao mesmo cargo designado com dois nomes!

O mesmo São Paulo, escrevendo a Tito, recomendava-lhe as qualidades do presbítero ou bispo: **“Por esta causa te deixei em Creta para que pusesses em ordem as cousas restantes, bem como, em cada cidade, constituíesses presbíteros, conforme te prescrevi: alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher, que tenha filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados. Porque é indispensável que o bispo seja irrepreensível como despenseiro de Deus”** (Tito 1.5-7).

.O.

Resumindo!

Nas páginas do Novo Testamento encontramos Jesus Cristo como único Chefe, Cabeça única e Rocha indestrutível de Sua Igreja!

A Sua Igreja invisível, que é constituída de todos os crentes nEle e salvos pelos Seus méritos provenientes de Sua paixão e morte vicária, se espalha pela terra por meio de igrejas visíveis e locais!

As igrejas locais são independentes entre si! Seu governo interno é feito sob a forma democrática! Todas têm como único estatuto o Novo Testamento e a Bíblia como única regra de fé e vida! O batismo e a Ceia do Senhor são ordenanças que devem cumprir.

Elas, no propósito de estenderem o Reino de Deus pelo anúncio da Sua sacrossanta Palavra, têm um ministério!

Esse ministério é composto de diáconos, que têm como esfera de atribuições o **“serviço das mesas”** (Atos 6.1-6) e o de presbíteros, cujos sinônimos são pastores, bispos e anciãos! São títulos que designam funções idênticas às do ministério da Palavra de Deus, pela qual os crentes são edificados e convertidos os pecadores!

Não há sucessão apostólica! Não há hierarquias no pastoreio das almas!

.oOo.

## 8

# PROGRESSOS DA APOSTASIA

**O crescimento rápido** do Cristianismo, nos seus três primeiros séculos não se deveu a recursos mecânicos, inacessíveis naquelas eras longínquas. Deus o providenciou por meio de inenarráveis perseguições, Acoçados pela violência, os crentes em Jerusalém “iam por toda parte pregando a palavra” (Atos 8.4).

A Samaria recebeu a Palavra de Deus nestas circunstâncias.

A tempestade das perseguições levou os crentes também para Antioquia.

As viagens do apóstolo Paulo fora sempre assinaladas pelas marcas das perseguições.

Os crentes de Roma, já em grande número, nos fins do primeiro século, não poderiam ser exceção à regra do martírio.

Uma circunstância superficial da superstição popular motivou inicialmente as violências contra os crentes. Todo mal de caráter público era atribuído à responsabilidade dos cristãos. “*Si Tiberis ascendit ad moenia, si Nilus non ascendit in arva, si coelum stetit, si terra movit, si fames, si lues, statim christianos ad leones*” (Tertuliano). Muitos morreram em atrozes perseguições. Nero se tornou, desde então, o símbolo da ferocidade humana. Ainda hoje, aos cães havidos por ferozes, atribui-se-lhes o apelido de “Nero”.

A constância das perseguições aos cristãos, no Império Romano, entretanto, teve como principal fator um motivo político de suma importância. Os povos pagãos concebiam a organização estatal estruturada numa religião oficial. Os romanos, que não escaparam a esse condicionamento, eminentemente juristas, estabeleceram leis penais contra a magia e a introdução de novos cultos. O crime religioso era crime de lesa-majestade. Da sustentação da unidade religiosa do Império dependia a sua unidade política – era a tese transformada em jurisprudência.

*“Nomen proelii est!*

*“Christianos esse non licet!”*

Eram os clamores de guerra e perseguição nos primórdios do Cristianismo. O nome “cristão”, desde Antioquia, vinha cercado de um conceito de menosprezo. E agora de ódio, em virtude dos “sagrados direitos e dos sagrados princípios” do Império.

De 65 a 318 (de Nero a Constantino), as perseguições foram violentas, porém, intermitentes. Nessas intermitências, sobretudo, é que se pode constatar o desenvolvimento da grande apostasia hoje conhecida como catolicismo romano.

Os Imperadores Adriano e Antonio Pio foram condescendentes. O Imperador Cômodo é desta linha por causa de sua concubina Márcia, que era cristã (?).

Mesmo entre as perseguições, não faltou a desgraça dos extravios morais, reflexo não só de fraquezas pessoais, mas, e o que é muito pior, consequência do desprezo dos ensinamentos bíblicos.

Na metade do século II, deu-se um grande desvio. A partir do tempo do Imperador Marco Aurélio, surgiu o desejo de agradar os poderes civis, participando dele para usufruir benefícios. Jesus sempre esteve longe destas áreas e jamais se permitiu ser por elas envolvido, pois Seu **“reino não é deste mundo”**.

A violenta perseguição de Marco Aurélio aos cristãos foi interrompida por causa da guerra contra a Morávia e a Boêmia. Sobrevindo falta de água aos romanos, já ameaça dos, o Imperador mandou “rezar” aos deuses. Os cristãos que participavam do exército romano e que, para se destacarem, se compunham em uma legião

especial, chamada Méliá, oraram a Deus. A chuva caiu abundantemente na região dos romanos e os inimigos foram desbaratados pelos coriscos e trovões. O historiador Eusébio afirma que Marco Aurélio atribuiu esse favor dos céus à legião cristã, chamando-a “legio fulminatrix”. Concedeu-lhe, em troca desse favor, um período de paz.

Uma ala bem ponderável dentre os cristãos pendeu para as propostas de entendimento com o paganismo feitas por Caracala, Macrino e Heliogábalo.

Entre o fim do século II e o início do século III tomou corpo o movimento sincretista, pelo qual se procurava estabelecer uma unidade entre as divindades pagãs ocidentais e orientais. O Deus dos cristãos teria também parte desta miscelânea. Alexandre Severo colocara até uma imagem do Deus dos cristãos entre os deuses!!!

A mentalidade “ecumenista” lastrada nesses poucos anos medrou em muitos cristãos. E já nesse tempo, os líderes cristãos desse movimento alimentavam pretensões sacerdotais.

É interessante notar-se que os “judaizantes” se reproduziram constantemente em “herdeiros” que almejavam poderes eclesiásticos. Aquele mesmo instinto e tendência que havia corrompido o Judaísmo e exalçado um sacerdócio que chegou a ser uma barreira entre os homens e Deus começa a repetir-se e a corromper a simplicidade e espiritualidade das igrejas neotestamentárias.

Sem fé genuína e mais amantes do bem-estar, essa incipiente casta sacerdotal, padres e bispos (bispo aqui não tem o significado neotestamentário que corresponde a pastor ou presbítero) não resistiu às perseguições renovadas com o Imperador Décio, de 249 a 251. Sujeitaram-se muitos eclesiásticos ao culto pagão. E receberam nesta época epítetos de acordo com suas várias funções dentro da idolatria.

Vale bem a lembrança que já nesta altura dos acontecimentos a hierarquia católica indicava vários graus de títulos equivalentes aos cargos hierárquicos.

Chamavam-se “sacrificati” os eclesiásticos que sacrificavam aos ídolos; “turiferati”, os que ofereciam incenso; e “libellatici”, os que serviam de caudatários ao Imperador e lhe prestavam culto.

Os títulos pomposos que os Imperadores se atribuíam a si mesmos (Vigário de Júpiter Capitolinus, Pontifex Maximus, Sacratissimus Dominus Noster) faziam cócegas à petulância dos ilustres eclesiásticos. Babavam-se ao verem os Imperadores receberem honrarias atribuídas aos deuses: assentados no trono imperial, ninguém deles se aproximava senão de joelhos, tocando com a fronte no solo e beijando-lhes os pés.

O papa do Vaticano usufrui de todos esses “privilégios”. É do ritual que se lhe beijem os pés... A verdade histórica nos informa que a imagem de São Pedro que está em sua Basílica, no Vaticano, é a imagem de Marco Aurélio, feita há séculos passados. Seu pé direito já foi gasto de tanto ser beijada através dos séculos e por multidões infindas e fanatizadas.

Muitos crentes não aceitavam a nova situação. Preferiam o martírio a renegar o seu Deus e apontavam os desvios para a apostasia com o apodo da Igreja da Hierarquia. Não se importavam com os sacerdotes. Haviam-se com Deus pela mediação de Jesus Cristo. Mantiveram intacta a sua fé pela meditação constante da Palavra de Deus. E esses mártires não consta do Martirologio Romano, engendrado pelos padres com o fito de exaltar sempre mais os seus apetites de poder e domínio sobre as consciências.

No fim do século III, em que muitos cristãos galgaram altos postos na política e no exército, já o Império Romano estava dividido em duas grandes partes: ocidental, governada por Maximiano Hércules, sucedido por Constâncio Cloro; e oriental, governada por Diocleciano.

Constâncio Cloro, esposo de Helena (“Santa” Helena para os católicos romanos) pôs termo à perseguição no Ocidente e morreu catecúmeno católico. Sucedeu-lhe Constantino, seu filho. Este almejava novamente a unidade do Império para ser Imperador do mundo. Em seus pensamentos havia a convicção da necessidade inevitável da unidade religiosa. Para se firmar no poder, travou guerra contra Maxêncio. Venceu o seu adversário na Ponte Mílvia, em 312, em que Maxêncio foi precipitado nas águas do Rio Tibre. Essa vitória lhe deu o senhorio absoluto sobre o Império Ocidental. Só mais tarde, em 323, conseguiu vencer Licínio, Imperador do Oriente.

Pelo ano de 330, com o intuito de solidificar a unidade do Império Romano, conforme seu sonho, transportou-se para Bizâncio, no Oriente, mudando-lhe o nome para o de Constantinopla, onde morreu em 337, na expedição contra os persas.

O clero já organizado e envolto em púrpura principesca, oriunda do fortalecimento de sua hierarquia, desde a ascensão de Constantino ao poder imperial, soube aproveitar-se da sua ausência para colocar o seu prestígio bem alto no conceito do povo romano, a fim de, no futuro e a longo prazo, continuar o domínio de Roma sobre o mundo se não com poder político simplesmente, ao menos como poder político-religioso.

A Igreja da Hierarquia soube aproveitar-se dessa mentalidade dos romanos, qual seja, de sempre desejarem dominar sobre o mundo como vasto Império. Não faz muito tempo, essa mentalidade recrudescer estabelecendo Mussolini um esquema de domínio mundial. O papa, que havia perdido em fins do século dezenove, os territórios pontifícios,



aproveitou-se desse sonho do ditador fascista para obter o território hoje chamado de Vaticano, pelo Tratado de Latrão, no ano de 1929.

A morte de Constantino mostrou que foi efêmera a unidade conseguida, pois imediatamente o Império cindiu-se novamente nas duas partes anteriores.

Constantino sempre se convenceu que a unidade política e civil do Império se efetuaría com a sua unidade espiritual. Quis, por isso, consubstanciar todos os seus empreendimentos bélicos no escopo da unidade do Império em bases religiosas, as quais não podia mais encontrar no paganismo.

Com o Edito de Milão, em 313, foi buscá-las no Cristianismo, dando ampla liberdade aos seus seguidores e exigindo conversões de todos os cidadãos. Conversões mais nominais do que reais, saliente-se. Se antes os pagãos gozavam de todas as regalias, agora “pontificavam” os cristãos.

Nessa altura, a seita tinha sua casta sacerdotal organizada, a sua máquina eclesiástica montada e as linhas mestras das suas doutrinas engendradas sobre méritos de boas obras, herança do Judaísmo.

Em nome de Cristo, cometeu-se o crime da apostasia, conspurcando o Evangelho da Graça, ardorosamente defendido por São Paulo. Nesse caso, o sacerdócio de Cristo, único na vigência desse Evangelho, sofreu usurpação e foi repartido entre os eclesiásticos para satisfazer ambições humanas e continuar o prestígio mundial de Roma, apelidada pelo clero de “Roma Eterna”.

O catolicismo romano, sincretismo do Judaísmo, Paganismo e uma leve tintura do Cristianismo, no afã de dominar as consciências, mistifica o povo a divulgar lendas e “histórias”, muitas de origem simplesmente pagã.

Para angariar simpatia em prol do seu fundador, Constantino, falsifica a verdade histórica sobre esse Imperador, atribuindo-lhe proteção divina especial em que vê a possível manifestação de Deus em valia da seita. Refere a lenda, maliciosamente inventada para dela auferir proveito, que, ao marchar em guerra contra Maxêncio, resolveu Constantino imitar os seus antepassados em condições idênticas, em que se punham sob a proteção dos deuses, pondo-se, então, sob a tutela do Deus dos cristãos. No fragor da batalha, teve, com todos os seus soldados, uma prodigiosa visão. Surgiu-lhe nos céus uma cruz luminosa e a inscrição: “*In hoc signo vinces*”. Apareceu-lhe, ainda, Cristo mandando marcar o lábaro e os escudos com o sinal da cruz. Além de executar prontamente esta ordem de Cristo, mandou entrelaçar no lábaro as letras XP. E desapareceu a águia simbólica!

Entre o Imperador Constantino e o Cristianismo existe um personagem de relevo por haver se dedicado intensamente no sentido do

feliz êxito em seu intento pro relações entre a Igreja da Hierarquia e o Estado. É o historiador Eusébio, feito pelo próprio Imperador bispo de Cesareia da Palestina, sua terra natal. Ao nos referirmos ao termo bispo, com relação aos líderes do catolicismo romano não se tem em mente o conceito bíblico desse termo. Enquadra-se, para facilitar nosso estudo, dentro da terminologia da seita.

Conhecedor profundo das ciências profanas, inteligente perspicaz e historiador arguto, Eusébio verificou que a seita católica lucraria muito se fosse bafejada pelas boas graças da política. De espírito ganancioso, colocou em jogo todos os recursos para convencer Constantino sobre os benefícios que lhe traria a aliança com os cristãos. Liberal como era, sem doutrina bíblica alguma, não se preocupou com a pureza doutrinária, chegando mesmo a pender para o arianismo, contanto que seu objetivo com relação à política imperial fosse conseguido, resultando em prestígio do clero ascendente.

Tornou-se amigo pessoal de Constantino e foi quem o “batizou”. Escreveu a biografia do Imperador, onde relata as lendas referidas sobre a vitória contra Maxêncio. Declara que o próprio biografado lhe contara sob juramento para garantir a veracidade do fato.

Interessante e cômico! Nem mesmo Eusébio tinha segurança dessa veracidade. Se todos os soldados viram o fato de tão alta importância e se o historiador foi contemporâneo desses acontecimentos, seria fácil a sua averiguação documentada.

Dois gananciosos se defrontaram: O clero, visando ascensão política e domínio social, e Constantino, sonhando com a unificação do Império sob bases religiosas. O Imperador, astuto e matreiro, quis estruturar o seu esquema político na ambição de poder eclesiástico com que sonhavam os sacerdotes apóstatas do genuíno Cristianismo. E a História nos evidencia que quem saiu lucrando com o “investimento” foi o clero.

As simpatias mútuas entre a Igreja da Hierarquia e o Estado atingiram sua culminância na união oficial dessas duas instituições com o Imperador Teodósio (de 379 a 395). Nessas condições excepcionais, todo o patrocínio oficial do Império foi dado ao clero, sendo-lhe facultado o recolhimento de doações e legados, contribuindo o próprio Imperador em dinheiro e terras.

A História nos informa que Roma, com a invasão dos povos bárbaros, perdeu o seu vasto Império político, mas, perdura, centralizando um outro império: o Império do Sacerdotalismo e a ditadura sobre as consciências de milhões de criaturas engolfadas num ritualismo pomposo e moribundas pela carência espiritual de bens sobrenaturais.

O clericalismo, que medra onde há vícios e crimes, veio à luz do despotismo, na crista das ambições de Constantino, satisfeitas com o título de Pontífice Máximo não são do Império, mas também da Igreja da Hierarquia, a seita católico-romana, apesar de ser dono de uma lista enorme de crimes, porquanto mandou matar o seu sogro Maximiano; em 326, mandou matar o seu filho mais velho, Crispo, cujo prestígio popular punha em perigo sua estabilidade no poder; por insinuação de sua mãe Helena (“Santa Helena”, no calendário litúrgico do romanismo), mandou estrangular, num banho quente, sua própria esposa Fausta; e matou seu sobrinho Licínio de apenas 11 anos de idade.

Em torno de “Santa” Helena gira a lenda do descobrimento da “verdadeira” cruz de Jesus Cristo, cuja solenidade litúrgica é comemorada pelo catolicismo romano no dia 3 de maio. Constantino, sagaz, ambicioso, diabólico, sanguinolento e cruel, é também credor na seita de honras dos altares e da auréola de “santo”, cuja celebração ocorre no dia 21 de maio no calendário da igreja grega do catolicismo.

“Santo” porque enfunou séculos afora a petulância dos membros da hierarquia católica!

“Santo” porque incitou conversões em massa dilatando rapidamente em números os seus adeptos!

“Santo” porque “batizou” os ritos pagãos com o intuito de conservar os neoconvertidos!

“Santo” porque é o líder máximo da apostasia!

.oOo.

## 9

# TRÊS ASPECTOS DA APOSTASIA CATÓLICA ROMANA

**O catolicismo romano** ou a Igreja da Hierarquia, como a classificavam os crentes autênticos, recebeu, para o seu progresso, enorme contribuição com sua adesão oficial ao Império, nele se enxertando como uma peça na máquina estatal. Teve, em sua longa gestação, além do político, três outros aspectos salientes.

O primeiro, como reminiscência dos “judaizantes” ou “legalistas”, que incluíam as obras da Lei no plano de salvação, além da fé nos méritos remissivos de Jesus Cristo, por julgarem-na insuficiente. Descambaram para as especulações teológicas ao cúmulo de, com o correr do tempo, a filosofia ser proclamada como a escrava da teologia, “*ancilla teologiae*”.

Sobre estas especulações, exerceu influência considerável a escola filosófico-teológica de Alexandria, no Egito, em grande crédito nos tempos do Cristianismo primitivo. Situada na foz do Rio Nilo, Alexandria gozava de invejável posição geográfica para o comércio e para a difusão de idéias entre o Oriente e o Ocidente. Metrôpole intelectual, possuiu a maior biblioteca do mundo de então e fazia praça do seu intelectualismo. Nela brilharam os grandes Euclides, Apolônio de Perga, Nicômaco, Erastótenes, Aristarco, Hiparco, Erasistrato e Herófilo.

Também lá se estabeleceram os judeus em uma grande colônia. E nos tempos de Jesus Cristo, o filósofo Philo intentara harmonizar o Judaísmo com as locuções da filosofia grega, chegando em seus estudos sobre o Velho Testamento a antever a misteriosa doutrina do “Logos”. Esta foi desenvolvida mais tarde por João no prólogo do seu Evangelho, sem receber quaisquer influências estranhas à Revelação Divina.

Influenciados por esta escola, vários escritores dos três primeiros séculos da era cristã entre os quais Clemente e Orígenes, não só apreciavam o ecletismo de Philo, como também levaram para o seio de suas doutrinas as correntes da filosofia helênica.

Ao Evangelho já vilipendiado com as deturpações judaizantes, agora advêm noções filosóficas que impeliram muitos cristãos a se afastarem dos ensinamentos de Cristo.

Hipólito, escritor contemporâneo desses tempos desastrosos, em sua “Refutação de todas as Heresias” (livro 9º), nos revela fatos estupefacentes para quem deseja conhecer a verdadeira origem do catolicismo romano, argamassado em sua hierarquia eclesiástica prepotente.

Hipólito, considerado pelo catolicismo romano como homem de Deus, cheio de sabedoria, é realmente uma voz autorizada por ser testemunha ocular dos fatos que ele mesmo relata:

“Havia um certo homem, chamado Noeto, de Esmirna, que introduziu uma heresia, fundada em doutrinas de Heráclito. Um outro, chamado Epígono, seu agente e discípulo, veio de Roma e disseminou as suas odiosas doutrinas.

“Cleômenes, homem estranho à Igreja, de vida e costumes contrários à fé, fazendo-se discípulo de Epígono, auxiliou-o na difusão

da heresia. Zeferino, que pretendia então governar a Igreja, sendo iletrado e avarento, tentado por ofertas, permitiu aos que concorriam a Cleômenes fazerem-se seus discípulos. Afinal, o próprio Zeferino, sendo também enganado, caiu no mesmo erro de Calixto (de cuja vida e heresia adiante se fala) e nisto foi seu conselheiro e sócio de perversidade.

“Durante a sucessão destes, continuou a escola ampliada e fortalecida pela cooperação de Zeferino e Calixto”.

Estes dois eclesiásticos obtiveram o episcopado de Roma! Zeferino foi bispo na capital do Império de 203 a 220. E Calixto sucedeu-lhe, permanecendo nesse posto da Igreja da Hierarquia de 221 a 227.

Prossegue o mártir Hipólito: “A Zeferino e Calixto nunca lhes demos guarida; antes, a eles nos opusemos com frequ

ência e os refutamos, compelindo-os, a seu contra-gosto, a confessar a verdade; e confessaram-na de ocasião, por força da mesma verdade e por influência do decoro”.

“Calixto encorajou a heresia; era astucioso no mal e versátil na fraude, com que aspirava à cadeira episcopal; exaltou a Zeferino, homem ignorante e baldo de vocação para os negócios eclesiásticos. Zeferino era amigo de peitas e cobiçoso; Calixto governava-o a seu jeito, à custa de dogmas e de exigências ilícitas. Além do mais, instigava-o continuamente a promover contendas entre os irmãos, cujas consequências explorava manhosamente, atraindo a si as partes litigantes.

“Umaz vezes falava a verdade com os partidários, que a aceitavam, fingindo concordar com eles; outras vezes fazia o mesmo com os adeptos de Sabélio, a quem ele depôs, logo que o viu firme nas suas opiniões.

“Quando Sabélio foi exortado por nós”, prossegue Hipólito, “não se mostrou obstinado, mas, ficando só, em companhia de Calixto, este o instigava, fingindo crer nas doutrinas de Sabélio, a inclinar-se à teoria de Cleômenes. A princípio, Sabélio não descobriu esta subtileza, mas, depois, achou-a, como adiante o direi”.

Informa-nos ainda Hipólito que o astuto Calixto fora escravo de Carpópharo. Ambicioso, aspirando a gerência de altos negócios, propôs-se a Carpópharo, cristão opulento, para gerente e caixa de um banco que o seu senhor abria perto do mercado do peixe. Carpópharo aceitou o alvitre e, sendo homem de caráter ilibado, grandes quantias foram depositadas no seu banco.

Mas a gerência de Calixto, não se sabe porque, foi desastrosa. O banco faliu. O pânico apoderou-se dos credores. Carpópharo, chamado às contas, procurou Calixto. O velhaco “São” Calixto fugira. Embarcou no Porto Romano e, chegando ao largo, vendo ir-lhe Carpópharo ao

encalço, atirou-se ao mar para morrer. Atiraram-se os marinheiros em seu socorro. Debate-se e quer o suicídio. Mas é salvo. Hipólito descreve esta cena como se a tivesse presenciado da praia, pelas minúcias que pormenoriza.

Na praia, continua Hipólito, o povo gritava. Dentro em pouco, a triste figura do banqueiro velhaco, futuro bispo de Roma, futuro santo do romanismo, escorrendo água, caía nas mãos do seu senhor, Carpópharo. Este o levou para casa e aplicou-lhe severo e humilhante castigo.

Tempos depois, relata ainda Hipólito, foi Calixto acusado de ter promovido grande e grave desordem na sinagoga dos judeus, pelo que foi preso e acusado não só pelos judeus, mas pelo próprio Carpópharo, que assegurou a Fusciano, prefeito, não ser o seu escravo verdadeiro cristão. Calixto foi, então, açoitado e condenado ao degredo com trabalho na Sardenha, como criminoso renitente.

Nesse tempo, Victor detinha o cajado de bispo de Roma.

Mércia, concubina (cristã?!) do Imperador Cômodo, intercedeu pelo infeliz sentenciado, apesar da oposição de Victor. Com a morte deste, sobe ao episcopado de Roma Zeferino. Este nomeia-o zelador do cemitério, o mesmo que ainda hoje se denomina Catacumba de São Calixto. Zeferino continuava subjugado aos caprichos de Calixto. Morto aquele, este toma o cajado de bispo romano.

O mártir Hipólito, em sua obra, lamenta: “Calixto era impostor e vilão e levou após si muitos que lhe eram semelhantes”.

A Igreja da Hierarquia, em Roma, tinha líderes deste naipe! E os crentes verdadeiros sofriam as perseguições, sendo martirizados. Muitos viviam isolados nos subúrbios distantes da Capital e nos pequenos vilarejos longínquos. E o sacerdotalismo apóstata crescia sob a atuação de homens tipo Zeferino e Calixto, manobrados e tutelados por Mércia.

No episcopado de Calixto, solidificou-se a ganância de mando dentro do catolicismo romano. E Hipólito esclarece: “Calixto pôs-se à frente da propaganda herética (o Noecianismo) tornando-a mais ímpia à força de invenções suas”.

Os seus desmandos atingiram as raias da insensatez a tal ponto que muitos presbíteros, envergonhados, citaram-no a comparecer perante uma assembleia. Mantém-se contumaz e é expulso de sua igreja. Cria, por isso, uma nova escola de rebeldes e hereges, dando carta branca para a imoralidade e para o crime. Aqueles autênticos pastores pagaram com a vida a sua coragem em defender a causa do Evangelho. Calixto, à sombra de outros líderes romanistas, conseguiu retornar ao posto. Fora chamado outras vezes, porém não tornou a ser deposto, pois atraiu a si os grandes e os ricos para cercar-se da

proteção dos poderosos. Estes o sustentaram em troca de concessões favoráveis à prática de crimes e lascívia.

Hipólito, em sua obra extraordinária, nos transmite o clamor dos verdadeiros crentes: “E ainda, tais homens, falhos de vergonha, presumem ser a Igreja!!!”



Os devaneios especulativos inflaram os doutrinadores da época, que se julgaram capazes de “explicar” a personalidade de Cristo. Em vez de volverem à pureza da doutrina evangélica da suficiência dos méritos do Divino Redentor para a salvação, 318 enfatuados eclesiásticos, discípulos de Calixto, no Concílio de Nicéia, discutiram durante dois meses sobre se Cristo é da mesma substância que o Pai ou se é de substância apenas semelhante.

Frise-se o fato de haver este Concílio de Nicéia, o primeiro do catolicismo, celebrado em 325, sido convocado, supervisionado e com suas resoluções impostas pelo Imperador Constantino. Temia o supremo chefe do catolicismo uma cisão nessa seita, o que – pensava ele – poria em perigo a unidade do Império. Sem entender nada de matéria doutrinária, o Imperador pendeu para a facção conciliar que arrolava os mais enfatuados, correndo o risco de magoar o seu “prezadíssimo amigo”, o bispo Eusébio, que preferiu ficar no arianismo.

Esse Concílio de Nicéia foi mais pernicioso à Igreja de Jesus Cristo do que todas as perseguições.

Os eclesiásticos presunçosos de suas especulações, **“inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos”** (Romanos 1.22).

Quem se dá ao trabalho de ler as obras de Tomás de Aquino, além de constatar não ser ele mais do que um copista das obras do pagão Aristóteles, às quais acrescentou uma tintura do catolicismo romano, verificará como essas especulações estultas transformaram a religião em jogo de dialética.

A petulância intelectual desses magnatas fofos resultou em perversão do sentido puro e genuíno da Revelação Divina e, por consequência, em desprezo da Bíblia. E é este o segundo aspecto dessa longa gestação. Invocaram a “Tradição” como fonte de Revelação também, para completar e interpretar a Bíblia, considerada obscura e incompleta.

Diz o catolicismo romano que a Tradição é a Palavra de Deus não escrita. É o ensino oral de Cristo e dos apóstolos, transmitido de pessoa a pessoa, e, por fim, registrado na grande literatura dos escritores eclesiásticos e, principalmente, nos documentos conciliares e pontifícios.

As Sagradas Escrituras só podem ter o sentido que o catolicismo romano lhes dá. Sua interpretação só pode ser feita na conformidade com o consenso unânime dos escritores eclesiásticos antigos, que se denominam “Pais da Igreja”.

Fizeram da Bíblia um livro de segunda categoria em matéria religiosa. Os escritores humanos, eivados de elucubrações filosóficas, passaram a ter mais valor. O catolicismo romano ia crescendo em número de adeptos cada vez mais, como consequência de sua aliança espúria com o Império.

O batismo, já aceito como “sacramento” e obrigado até aos recém nascidos, fazia cristãos apenas formais, absolutamente desinteressados pelas coisas da religião, sobretudo pela Bíblia, livro já considerado como arcaico e de difícil compreensão. Os fiéis transferiram a solução de seus problemas espirituais aos seus líderes religiosos, os sacerdotes ou padres, tidos como mediadores entre Deus e os homens.

O pior é que nem os “Pais da Igreja” foram unânimes nas suas opiniões sobre inúmeros e os mais importantes textos da Bíblia e incorreram em graves heresias, influenciados pelas correntes filosóficas.

Não existe nenhum consenso entre os “Pais da Igreja”. O próprio catolicismo romano, resvalando em contradição, o reconhece.

A 10ª sessão do 5º Concílio de Latrão, sob o papa Leão X, em data de 28 de abril de 1515, emitiu a Bula “*Inter Multiplices*”, em que estabeleceu os “Índices Expurgatórios”, cuja finalidade consistia em examinar todas as obras literárias consideradas até então no conjunto da “patrística”. Muitos livros foram omitidos. Cerca de 180 tratados escritos nos seus primeiros séculos foram repudiados! Trechos inteiros contrários às pretensões romanistas foram extraídos! Muitas palavras e frases foram enxertadas para transformarem o significado dos textos ao sabor das interpretações desejadas!

O jesuíta Gretser, no seu tratado “*De Jure et More*”, afirma: “O dizer dos Santos Padres não tem necessidade de ser corrigido, contudo, a Igreja, considerando-os como filhos, pode censurar-lhes e corrigir-lhes as palavras”.

Este assunto do forjado consenso unânime dos “santos padres”, daria um alentado volume, recordando-se que a “expurgação” foi imposta pelo Concílio mencionado e confirmada pelo Concílio de Trento, em sua 4ª sessão, de 8 de abril de 1546, no tempo que muitos cristãos piedosos e sinceros proclamavam sua inconformidade diante de tantos desvarios acobertados sacrilegamente com o nome de Cristo.

.o.

Esses dois aspectos da gestação católico-romanista, o primeiro subjetivo e o segundo objetivo – embasavam o terceiro aspecto do seu



desenvolvimento que é a deturpação radical da eclesiologia neotestamentária.

A Igreja Cristã, difundida pelos apóstolos, foi estabelecida em democracias locais, autônomas, que se relacionavam entre si pelos laços de uma mesma fé, esperança e amor: a “comunhão dos santos”.

Nessas assembleias, comunidades ou igrejas locais existem apenas duas ordens de oficiais: os presbíteros, ou anciãos, ou bispos, ou pastores e os diáconos. Aos primeiros competia a esfera espiritual. E a estes, os assuntos temporais e a distribuição de auxílios. O governo e a administração de cada igreja eram assuntos a serem resolvidos pelos seus próprios membros, sem nenhuma subordinação a elementos alheios aos seus quadros.

Perdoem-nos os leitores a repetição desta ideia. A eclesiologia romanista, que deturpou a genuína eclesiologia cristã, está tão arraigada na humanidade que a repetição da verdadeira doutrina do assunto se faz necessária.

Ao pastor, bispo, ancião ou presbítero cabia repartir a Palavra de Deus e executar as ordenanças de Cristo: batismo e ceia, as quais não possuem nenhum significado “sacramentalista”. Pela pregação da Palavra de Deus, os ouvintes, movidos pela Graça divina, se convencem do pecado, arrependem-se dele e aceitam Jesus Cristo, pela fé, como Salvador, acontecendo em suas almas o “novo nascimento” (João 3.1-18).

No Cristianismo primitivo vivia-se a orientação divina do Novo Testamento. O Batismo e a Ceia não tinham aspecto de “sacramento”, palavra inteiramente pagã. Ao ministério não cabia perdoar ninguém. Nem se falava em purgatório, doutrina estritamente ligada à metempsicose. Nem se conheciam as “indulgências”. Nem se presumia no crime da invenção diabólica da “missa” ou repetição “sacramental” do sacrifício de Cristo, feito uma só vez (Hebreus 7.27; 9.28; 10.12, 14 e 18).

E muito menos em se venderem as coisas sagradas a preço tabelado ou com ofertas “espontâneas”. Nem se falava de genuflexão diante dos ministros da Palavra de Deus (Atos 10.25-26). Nem celebração sacramental do casamento. Nem em “primeira comunhão” das crianças. Nem água benta esborrifada nas faces lívidas dos defuntos. Nem em padroeiros ou “madroeiras”. Nem em “Nossas Senhoras...”

Não se cogitava e nem se falava em paramentos... Nem em mitras... Nem em tiaras... Nem em sédia-gestatória... Nem em guarda suíça... Nem em palácios episcopais... Nem em cúrias... Nem em tonsura ou coroa... Nem em ordens menores... Nem em subdiaconato... Nem em arcebispos... Nem em núncios apostólicos... Nem em territórios

pontifícios... Nem em patriarcas... Nem em cônegos... Nem em monsenhores... Nem em cardeais... Ufa!!! Quanta coisa engendrada para adubar a petulância e a empáfia dos homens!!!

Os teólogos romanistas reconhecem que a Igreja primitiva, mesmo até o século III, desconheça o sacerdócio nos moldes da seita católica.

Ainda hoje, e sempre será assim, esses teólogos e os estudiosos do desenvolvimento da história eclesiástica romana, são concordes em reconhecer que a Sagrada Escritura atribui significação idêntica aos títulos de presbítero, bispo e pastor. Reflexo evidente dessa circunstância é a disputa entre os teólogos romanistas se o episcopado e o sacerdócio (presbiterato, como eles também denominam) são sacramentos distintos ou se é um só sacramento. Poderá se observar o que afirmamos no livro intitulado: “O Mistério dos Sacramentos”, de autoria de Mons. Dr. M. Teixeira Leite Penido, II edição, ano 1961, Editora Vozes Limitada, páginas 429 e 430.

O senhor Jaime de Barros Câmara, que se intitula cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, em seu livro: “Apontamentos de História Eclesiástica”, Editora Vozes Limitada, ano 1942, à página 69, tem estas palavras: “Nos primeiros tempos só havia os títulos de presbíteros e diáconos”.

Depois de reconhecer essa verdade de luz meridiana, afunda-se em outras considerações que depõem contra o seu desejo de produzir um livro útil. Pretende descobrir um episcopado hierárquico. Esse autor, desastrosamente, em letras bem miúdas, na página 70, indica textos escriturísticos para confirmar as informações expendidas. Lendo-se mesmo os textos indicados, verifica-se que suas citações não têm nada a ver com hierarquia episcopal. Por exemplo, citou Filipenses 4.6: **“Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças”**. Fala-se neste texto alguma coisa de bispo? Aliás, na Carta aos Filipenses 1.1, o termo bispo aparece com o de diácono para exprimir que, naquele tempo, eram os dois únicos cargos e as duas únicas funções do ministério.

Para não ser exceção à regra maldosa de separar o texto do contexto, o “eminentíssimo” cardeal Jaime Câmara, se refere também à passagem da Carta a Tito 1.5. São Paulo, escrevendo ao seu filho na fé, diz no texto mencionado: **“Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em ordem as cousas restantes, bem como, em cada cidade, constituíesses presbíteros, conforme te prescrevi”**. No versículo 6, recomenda as qualidades necessárias e, continuando no versículo 7, destaca: **“porque é indispensável que o bispo seja irrepreensível como despenseiro de Deus”**. Nesse passo da Escritura, portanto, se conclui que os dois títulos: presbítero e bispo, identificam a

mesma função. O texto é contra as pretensões desse “autor” de história eclesiástica!

Refere-se o “ilustre” purpurado (até parece o pintassilgo dos nossos campos) também a 1ª Timóteo 5.19: **“Não aceites denúncia contra presbítero, senão exclusivamente sob o depoimento de duas ou três testemunhas”**. São Paulo queria que se fizessem honra e justiça aos presbíteros mais zelosos no ministério. Em caso de denúncias, que se abstivessem de dar ouvidos a mexericos. Nem por isso representava que Timóteo fosse superior hierarquicamente aos demais presbíteros.

O apressado cardeal lembra em abono de sua falta de meditação da Bíblia Sagrada o capítulo 15 de Atos dos Apóstolos, onde, nem por sonho, se faz distinção de funções entre presbítero e bispo.

Um outro cidadão, ao ser empossado como “bispo” romanista em uma “diocese” (Maringá, no Estado do Paraná), escreveu uma “Carta Pastoral” sobre o “episcopado”. Suas considerações sobre a origem histórica dessa gangrena social provocam compaixão pela inutilidade dos seus esforços, que não demonstram coisa alguma. Para ele, os “bispos” são sucessores dos apóstolos, baseado na informação que lhe dá o cânon 329, do Código de Direito Canônico.

O Mons. Dr. M. Teixeira Leite Penido, em sua obra acima mencionada, declara: “Não deve causar surpresa que a terminologia, naqueles tempos de crescimento e organização, estivesse algo fluída. Nos Atos dos Apóstolos, os mesmos indivíduos são chamados ora presbíteros, ora bispos (Atos 20.17, 28). Seguindo São Jerônimo, alguns teólogos opinam que, além dos diáconos, os apóstolos não ordenaram presbíteros, mas apenas bispos, chamados indiferentemente bispos ou presbíteros. Logo, a hierarquia primitiva teria comportado apenas dois graus. Só mais tarde, a Igreja teria dividido o sacerdócio, consagrando, além dos bispos, presbíteros. Em consequência, opinam que a diferença entre padres e bispos não foi criada imediatamente por Cristo”.

Vejam! Toda essa celeuma dos doutrinadores da seita romanista serve para nos demonstrar a fatuidade doutrinária daquela miscelânea de heresias. Eis o fato: Biblicamente não se pode reconhecer como legítima a hierarquia eclesiástica do catolicismo romano! E nem se aleguem afirmações de antigos escritores eclesiásticos, os “santos padres”, que não possuem valor algum em vista das adulterações, enxertos, supressões feitas aos originais pelos Índices Expurgatórios.

Mesmo assim, com bases nessa patrística corrompida e adulterada do atual romanismo, somente em fins do século II é que vamos encontrar nas Ordenações Eclesiásticas de Hipólito a imagem de um clero hierarquizado por “ordenações sacramentais”.

Em meados do século III, Cipriano, bispo de Cartago, ensina que o “bispo” é portador do Espírito Santo, que passou de Cristo aos

apóstolos e aos “bispos” por uma ininterrupta linha de sucessão. Diz ele: “O bispo está na igreja e a igreja está no bispo e, se alguém não estiver com o bispo, não está na igreja” (Apis. 56.3; 55.20).

A corrente judaizante, sobre a qual já nos referimos várias vezes, deu incremento e vulto à hierarquia sacerdotal, pois, se era pelas obras da Lei a salvação, saudosista, queria repetir a organização mosaica do Tabernáculo e mais tarde do Templo, que distinguia três ordens de oficiais: levitas, sacerdotes e pontífice. Diácono, presbítero e bispo, eis a hierarquia incipiente do catolicismo. E, mais tarde, com outra modificação, se fixam os cargos fundamentais dessa mesma hierarquia: presbítero (padre), bispo e papa.

Essa hierarquia eclesiástica que embasa o sacerdócio católico romano é desconhecida do vocabulário do Novo Testamento. E não passa de uma escamoteação do sacerdócio levítico e do sacerdócio pagão!!!

.oOo.

## 10

# NOS LABIRINTOS DO SACERDÓCIO ROMANO

**O Segundo Concílio de Latrão**, em 1139, sob o pontificado do papa Inocêncio II, pela primeira vez na história do catolicismo romano, em seu cânon 23, apresenta o seu sacerdócio como um dos sete “sacramentos” atribuindo-lhe aspectos de instituição divina.

A 23ª sessão do Concílio de Trento, em 15 de julho de 1563, tratando explicitamente desse assunto, define: “Se alguém disser que a ordem ou ordenação sagrada não é verdadeira e propriamente um sacramento instituído por nosso Senhor Jesus Cristo; que é uma ficção humana inventada por homens imperitos em matérias eclesiásticas; ou que é apenas uma espécie de rito para escolher ministros do Evangelho e dos sacramentos: seja anátema”.

Eis o dogma do endeusamento do padre! É a solidificação das superstições engendradas pelo próprio catolicismo romano, durante os séculos da Idade Média.

E, como monstruoso corolário, esse Concílio anatematiza os que negam valor e respeito às ordens do sacerdócio católico, que classifica em menores e maiores (capítulo 2º e cânon 2º dessa mesma sessão conciliar).

Como em tudo no romanismo, os meandros da “ordem” – o “sacramento” que gera padres – não passam de um verdadeiro labirinto, destoando da simplicidade evangélica. Nem os teólogos romanistas se entendem! Como se a doutrina divina fosse uma revolução.

Esses meandros servem para que escorram as babas dos carolas ignorantes e crendeiros na admiração estupefaciente das cerimônias ridículas e cheias de medidas ao prelado oficiante.

Antes de chegar a padre, o moço, no seminário católico, vai ascendendo, gradativamente, os degraus da impostura romanista que se chama sacerdócio.

O primeiro rito a que se submete é a “tonsura” – a coroinha feita no alto da cabeça que, aliás, nenhum poder espiritual lhe confere, mas o inscreve no estado clerical, onde passa a gozar de certos privilégios. O prelado celebrante do rito tira com uma tesoura pequenas mechas de cabelo na frente, atrás e nos lados da cabeça do candidato. Após a celebração ritual, em meio de grande algazarra dos colegas no recreio, lhe é aberta a coroinha em forma circular, isto é, em forma de zero.

Zero bem significativo naqueles arraiais, onde tudo não passa de zero, conforme gostava de esclarecer o Dr. Rafael Gióia Martins, ex-padre e eminente líder batista, a cuja saudosa memória rendemos nossa homenagem de simpatia.

Os embrutecidos no fanatismo comparam a “tonsura” à coroa de espinhos de Jesus. O romanismo não foi buscar este rito na Bíblia, de vez que, aos sacerdotes e levitas do Antigo Testamento, era proibido rapar a cabeça e a barba. Os primeiros sacerdotes intitulados cristãos a adotarem esse uso foram os donatistas. Optato, bispo de Mela, na África, em 370, manifestou o seu desagrado: “Mostrai-me onde está preceituado que os sacerdotes se rapem; temos, pelo contrário, bastantes indicações de que não devem fazê-lo” (Optato, lib. Contra Parmenion).

A “tonsura” foi introduzida pelo papa Bonifácio IV, em 610. É um outro legado dos costumes pagãos. Assim procediam os sacerdotes de Ísis. Os sacerdotes de Osíris, o Baco egípcio, sempre se distinguiram pela rapadela das cabeças. Os sacerdotes da Roma pagã, da Índia e da China seguiam o mesmo hábito.

Anda, porém, tão desvalorizado esse emblema (o zero dos padres!) que os eclesiásticos deixam de usá-lo, por comodidade: O rito de sua imposição continua. O uso, todavia, é facultativo. Anos passados havia insistência e vigilância por parte dos “ordinários” para o seu uso.

Indubitavelmente que a dita coroinha se constituía em incômodo para certas aventuras.

Já que a batina é o agasalho dos mais hediondos vícios, os padres “arranjavam-se” com a coroinha.

Conheci um velho padre, muito gaiato, que se valia da cumplicidade de um gorrozinho para dar suas voltas à noite, em pleno Recife, e tirar seus lazeres entre as mundanas.

Um outro, elogiado nas rodas femininas pelos seus olhos azuis e pelos seus cabelos em ondas, irritava-se com os embaraços do uso da coroinha. Veio-lhe a ideia de raspar toda a cabeça, desaparecendo obviamente o dito emblema. Mas e o cabelo, que lhe proporcionava o fruir de tantos elogios?

Que dilema!

Refletiu longamente, porque aos padres sobra tempo para devaneios fúteis...

O que lhe seria melhor? Elogios femininos aos seus cabelos? Ou a chance de, livremente, procurar suas amantes fortuitas?

Decidiu. Escolheu o segundo alvitre.

Lembro-me de quando foi ao palácio do arcebispo pela primeira vez com a cabeça rapada. Elogiaram-no pelo desprendimento das vaidades mundanas.

Na noite seguinte, um motorista de táxi surpreendeu-o nos braços de uma meretriz!

E hoje é bispo!!!

**.o.**

Em seguida à “tonsura”, o candidato se sujeita às quatro ordens menores ou ofícios, que se constituem em degraus da escada que leva ao sacerdócio. Cada uma delas dá uma função referente à celebração da “missa”.

Estas ordens menores são aplicadas ao tonsurado em cerimônias de inclinações, genuflexões, ósculos nas mãos episcopais...Tira-se e põe-se dezenas de vezes a mitra na cabeça do prelado. Esbanja-se ritualismo...

A primeira dessas ordens menores chama-se de “ostiário” ou “porteiro” e confere poderes de abrir e fechar as portas do templo, cuidar da sacristia e dos utensílios do culto, tocar os sinos e as campainhas (de uso pagão, também) e sustentar os livros sacros ao pregador.

A segunda é a de “leitor”, pela qual o levita adquire poderes para ler publicamente nas funções litúrgicas, ensinar o catecismo e benzer pães e frutos novos. Pergunta-se: Será que esses frutos novos abençoados pelo “leitor” nunca apodrecem? Se apodrecem, o que lhes vale a

bênção? E, se indigestos e comidos em demasia, não provocam distúrbios desagradáveis, com bênção e tudo?

O terceiro ofício é o de “exorcista”, que lhe confere poderes de expelir demônios dos possessos, colocar os fiéis em filas para a mesa da comunhão da hóstia e preparar a água para ser benzida nas vigílias da Páscoa e do Pentecoste. O uso da água benta também vem do paganismo. Os templos pagãos tinham as suas pias da referida água, à porta de entrada. Observe-se, todavia que o cânon 1151, do Código de Direito Canônico, o conjunto de leis eclesiásticas do romanismo, para coibir o poder fabuloso de expulsar demônios, não permite o seu exercício sem expressa licença do bispo diocesano que, na legislação da seita, é denominado pelo termo técnico de “ordinário”.

Pela quarta e última ordem menor, o candidato ao sacerdócio é chamado “acólito”, cujas funções já se aproximam do altar da missa. Cabe-lhe acender as velas, conduzir os candelabros e preparar as galhetas de vinho e água.

Diz-se que o romanismo quer todas as funções religiosas exercidas por pessoas consagradas ao culto. Chamam-se levitas esses rapazes detentores das ordens menores, em reminiscência do levitado hebreu, numa demonstração incontestável que o sacerdócio romano pretende ser cópia do sacerdócio da Antiga Lei, em mistura com alta dose de paganismo.

**.o.**

O irrisório é que os fiéis comuns podem exercer todas essas funções e mais algumas outras a critério dos padres.

Quando criança, eu conheci um velho sacristão que abria e fechava as portas e janelas do templo; distribuía à larga ponta-pés aos cães que, por acaso, lá entravam; lia o latim das lições nas missas solenes; ensinava o catecismo à garotada que lhe puxava o paletó; benzia roupas e pães que lhe apresentavam para este fim; dava água a beber na campainha às crianças que tardavam em falar; ajudava missa; repicava os sinos das chamadas dos fiéis e dos enterros (não sem cobrar uma taxazinha); colaborava com o padre para esvaziar o vinho das galhetas e das garrafas; aguava o jardim paroquial; dava milho às galinhas clericais; acendia as velas dos altares; fazia as suas macumbas para expelir demônios; levava diariamente ao cambista a fezinha do “seu” vigário, amante do jogo do bicho; e enfim, conseguia arranjos com as meninas de uma rua suspeita para as distrações do fogoso reverendo.

Um outro sacristão fazia tudo isso e mais alguma coisa. Dormia na sacristia para vigiar o templo. E, alta madrugada, gostava de treinar pontaria com um revólver dentro do próprio templo.

**.o.**

“*De Asino Áureo*” – O Asno de Ouro – refere que era uma cerimônia antiga entre os gregos concluir-se o culto à deusa Ísis, despedindo o povo com estas palavras: “*Ite missio est*”. Mudou-se a palavra “missio” em “missa”. É a origem do nome “missa” e da despedida feita pelo diácono no final dela. Bela origem daquilo que o romanismo considera o coração de sua liturgia.

O romanismo não tem nada de bíblico mesmo! Nem o seu diaconato se assemelha ao diaconato da Bíblia (Atos dos Apóstolos, capítulo 6).

Os desvarios pagãos dessa seita organizaram a farsa das ordens menores e maiores e desvirtuaram a legítima função do diácono. Deve a Deus também este crime!

.oOo.

## 11

# O SACERDÓCIO CATÓLICO É UMA BLASFÊMIA SACRÍLEGA

**O sacerdócio é o ápice** na escala ascendente das “ordens”. Tem a magia de “imprimir caráter” na alma humana e, conseqüentemente, transforma o padre em um outro Cristo – “*alter Christus*”. Efetiva-se uma identificação com Cristo desde o momento que o homem se submete aos ritos da ordenação sacerdotal. Esta identificação se destaca de modo sobre-excelente quando o padre age sobre a pessoa de Cristo ao celebrar a missa, que é a renovação incruenta do sacrifício de Jesus no Calvário (?). Incruenta quer dizer sem derramamento de sangue. E é esta a diferença entre o sacrifício de Jesus na Cruz há dois mil anos passados e a repetição desse sacrifício no altar da missa.

O papa Leão XIII, na Encíclica “*Fin da principio*”, atinge as raias dessa monstruosa doutrina, quando diz: “*Tutta la tradizione della Chiesa è una voce sola nel proclamare che il sacerdote è un altro Cristo*”.

Note-se que o “desjubado” Leão nem encontra base bíblica para afirmar essa monstruosidade. Invoca a tradição. Mas a tradição já “arranjada” pelos Índices Expurgatórios!



O Concílio Ecumênico Vaticano II, em 26 de novembro de 1964, mediante a sua Constituição Dogmática sobre a Igreja, cuja lista de assinaturas episcopais está encabeçada com o beneplácito papalino de Paulo VI, repete as mesmas abominações heréticas.

O papa Pio XI, o político esperto que soube apoiar o fascismo da Itália para obter de Mussolini a restauração do Estado Pontifício do Vaticano, com o Tratado de Latrão, em 1929, e conseguiu saciar a sua gana de ser chefe de um reino deste mundo, na febre de exaltação pessoal, publicou sobre esse sacerdócio bastardo, uma encíclica denominada “*Ad catholici sacerdotii fastigium*”.

Essa palavra “fastígio”, sem o “santíssimo” imaginar veio bem a calhar no nome do seu documento sobre o valor da instituição que enaltece, porque lembra em sua amálgama a dose, em porcentagem elevadíssima de elementos pagãos, pois fastígio era o ornato que se colocava no alto dos templos pagãos em Roma.

Pio XII, na sua Encíclica “*Mediator Dei*”, destaca, entre tantas, esta blasfêmia: “Pela consagração sacerdotal que recebeu, o padre assemelha-se ao sumo sacerdote e tem o poder de agir em virtude e na pessoa do próprio Cristo; por isso, nos seus atos sacerdotais como que empresta a Cristo a sua língua e lhe cede as suas mãos”.

Um “infallível” falando assim? Que blasfêmia!!! Pobre de Cristo ao se ver na contingência de precisar continuamente de línguas pastosas e entorpecidas pelas bebidas alcoólicas e emporcalhadas com palavras indignas e picantes... Diz a seita que mesmo em pecado “mortal” o padre reza validamente a missa.

Pobre de Cristo! Ter de valer-se de mãos manchadas em tantas injustiças... Em tanta lama...

O “desjubado” referido, em sua carta “*Apostolicae curae*”, de 18 de setembro de 1896, nos esgares de sua paranoia exaltada, declara: “O poder precípua do padre é consagrar e oferecer o verdadeiro corpo e sangue do Senhor, no sacrifício da missa”.

Para que não se diga que estamos manifestando opinião pessoal nossa, vou transcrever o que o teólogo romanista M. M. Philippon, O. P., escreveu em seu livro “Os Sacramentos na Vida Cristã”, traduzido em português pela freira Maria da Trindade, editado pela Livraria Agir Editora, em 1959: “A principal função do padre é oferecer Cristo à Trindade, manter Cristo continuamente presente em estado de vítima no meio dos homens, inteiramente ‘ocupado com as coisas do Pai’ (Lucas 2.49), negociando junto dEle a obra de nossa salvação. O padre realiza esta missão suprema do seu sacerdócio pela oferta do sacrifício: Em nome de todos os homens, oferece a Deus a única Hóstia de adoração e reparação, a única Hóstia de louvor e súplica, que dá às três Pessoas divinas infinita glorificação e faz crescer sobre o mundo inteiro

todos os benefícios da Redenção, na medida do fervor atual da igreja... Nem um ato da vida sacerdotal dá ao padre tão grande poder sobre Deus e sobre os homens como a oferta silenciosa do sacrifício... A grandeza sem par do sacerdócio cristão decorre de ser essencialmente ordenado a oferecer, até ao fim dos séculos, o mesmo sacrifício da Cruz, ato supremo do sacerdócio de Cristo” (páginas 235 e 236).

O sacerdote é Cristo sacramentalmente presente na terra. É um outro Cristo. “*Sacerdos: alter Christus!*”

O padre é um outro Cristo Mediador!

“O sacerdote desempenha no mundo o mesmo ofício de Cristo, mediador entre o céu e a terra” (Obra citada, página 236).

“O padre, pela missa, mantém Cristo em estado de perpétuo sacrifício” (Obra citada, página 228).

A missa e a repetição sacramental da paixão e morte de Jesus Cristo.

Na terceira parte deste livro, ficará demonstrada à luz da Revelação Divina, a falsidade dessas alegações.

Qualquer pessoa de bom senso, todavia, constata nesta doutrina blasfema os paroxismos de orgulho, a mania de endeusar os homens. No paganismo, os reis eram tidos como deuses. Na religião sacramentalista, sincretismo do falido Judaísmo e de doutrinas pagãs, o homem é exalçado ao ponto que vimos.

Nada como a Palavra de Deus, a Espada Bigúmea, para espedaçar todas essas pretensões diabólicas da petulância humana.

Continuemos navegando, para esclarecer os leitores, em águas romanistas! A bendita Palavra de Deus nos imuniza de quaisquer infecções oriundas da gangrena clericalista.

Mediador entre Deus e os homens, de modo pleno, ao celebrar a missa, que é a repetição incruenta do Calvário, o padre tem as chaves dos tesouros celestes, também na administração dos outros “sacramentos” porque sempre é o mediador.

No “sacramento” do batismo, efetiva a sua mediação porque transforma a criatura recém nascida em filha de Deus, gerando-a para a vida da graça.

É o intermediário entre Deus e os homens no “sacramento” da confissão porque promove a regeneração da alma prevaricadora, absolvendo-a, em lugar de Deus.

No amor humano que une os corações para a constituição da família deve estar o padre com a sua mediação para atrair as bênçãos do céu em favor dos nubentes. Se não estiver presente, o casamento é nulo!

À cabeceira do moribundo deve estar para ungir com óleo os seus cinco sentidos e interceder para que lhe sejam abertas as portas da bem-aventurança eterna.

O católico morre. O padre acompanha seus funerais. Esborrifa-lhe água benta nas faces. Manda planger os sinos paroquiais. Mas de nada lhe valeram os “sacramentos”, nem a extrema-unção (agora chamada unção dos enfermos), que se diz ser o “passaporte da eternidade”. A sua seita decreta-lhe o purgatório. Lá está o católico falecido ardendo em chamas atrozes. Quem o livrará? O padre! Só o padre é medianeiro! E se lhe derem as espórtulas (nome bonito para o preço dos “sacramentos”), celebrará uma, dez, cem, mil, um milhão de missas, sem que o coitado fique liberto de toda a conta devida por causa de seus pecados, mesmo “perdoados” no confissãoário.

Revestido de trajes esquisitos, o padre quer ser o substituto visível de Jesus Cristo. É por isso que lhe chamam “vigário”. Mas já que se trata de uma mentira, o padre não é “vigário” e sim “vigarista”. O povo, em sua sabedoria, sabe se expressar com verdade...

O padre ainda é o mediador porque só ele pode, no breviário, rezar oficialmente pela humanidade. Por ele é que os homens são elevados a Deus.

Se alguma bruxa abre uma sala de bênçãos contra feitiço e mau olhado, o padre esbraveja. Não admite concorrência. Só ele pode benzer. Só ele tem o direito de ser feiticeiro!

Quando estava em Orlândia, cidade do interior do Estado de São Paulo, uma senhora da roça me procurou, pedindo-me que, na qualidade de vigário, desse uma bênção especial ao seu filho e pusesse em sua boca infectada de aftosa a chave do “sacrário”. Recusei atendê-la, sugerindo-lhe outra solução, isto é, levar seu filho ao médico, ficando eu responsável por todas as despesas da consulta e dos remédios. Zangou-se a senhora, habituada que era pelos vigários anteriores em circunstâncias semelhantes. E saiu alegando que o mundo estava perdido porquanto nem o padre tinha mais fé e que a religião estava se acabando.

Com gestos de passe de mágica e palavras misteriosas, é ele que dá poderes sobrenaturais a elementos materiais que o romanismo classifica em “sacramentos” e “sacramentais”.

O padre, detentor de infinitos poderes celestiais – um superdeus, mandando em Deus – de “Ritual” em punho, está capacitado a dominar, com rezas estereotipadas desde a Idade Média, a era máxima da feitiçaria, as forças da natureza, as tempestades, os tremores de terra, as secas inclementes, as pestes, as epidemias, as serpentes, as feras...

É o todo-poderoso!

Certa vez, quando eu era menino, um vizinho carola, chamou o padre para lhe benzer o cão amigo, acometido de hidrofobia. Não se deu por achado o pobre animal! Uivava desesperado enquanto o padre resmungava o latinório. Ao lhe sacudir água beta nas ventas, rebentou a corrente que o prendia e teria estraçalhado o obeso feiticeiro se o seu dono não lho impedisse com um tiro certo.

Como padre, fiz tantas procissões, em tempo e seca, “*ad petendam pluviam*” – para pedir chuva! E jamais tive sorte de ser contemplado pelos céus...

O romanismo inventa tudo para endeusar o padre. Engendra lendas fantásticas e milagres estupendos de “santos” para convencer os ignorantes da Bíblia que o padre é um misterioso ser, um ente à parte.

O cardeal Suhard, de Paris, em 14 de abril de 1949, numa carta sobre este tema, vê no padre a única solução para os problemas atuais. “Para se voltar a encontrar o sentido de Deus”, escreve ele, “tem de se voltar a encontrar o sentido do padre: não há regresso a Deus sem regresso ao padre”.

Pobre humanidade! Desgraçada justamente por causa do padre, que é o elemento deletério das sociedades e das nações!

No final de um retiro espiritual de padres, onde ouvira numa roda deles as anedotas mais picantes, o pregador, num arroubo de fanatismo histórico, perorou: “Nós, os padres, estamos acima dos governos, imperadores, reis e príncipes deste mundo, quanto o céu está acima da terra. Os reis e príncipes mundanos diferenciam-se tanto dos padres quanto o chumbo do ouro mais fino e mais puro. Muito abaixo do padre estão os anjos e arcanjos; porque ele pode perdoar os pecados, ao passo que os anjos nunca o puderam fazer. Nós somos superiores à mãe de Jesus, porquanto ela não deu à luz o Cristo senão uma só vez, e nós O criamos todos os dias. Sim! Os padres estão, até de certo modo, acima de Deus, visto que Ele deve achar-se, a todo o tempo e em toda a parte, à nossa disposição e, por ordem nossa, baixar do céu para a consagração da missa. Deus criou, é certo, o mundo com a simples palavra: “Faça-se”; mas nós, os padres, criamos o próprio Deus com três palavrinhas”.

Ridículo ultramontanismo!!!

Em nosso tempo de estudante no seminário católico ouvimos muitas vezes o seu reitor repetir essas palavras do “Santo Cura D’Ars”: “O padre é o homem que ocupa o lugar de Deus, que se reveste de todos os poderes de Deus. Oh! Quão grande coisa é o padre. Não o compreenderemos bem senão no céu; se o compreendêssemos na terra, morreríamos, não de espanto, mas de amor. O padre tem as chaves dos tesouros celestes. É ele que abre as portas desses tesouros; é o homem

do bom Deus, o administrador dos Seus bens; é tudo depois de Deus. O padre é o amor do coração de Jesus”.

Ouvi tantas vezes o relato do seguinte fato: “São” Francisco de Sales era mui devoto do seu anjo da guarda. E toda vez que ia entrar num aposento, abrindo a porta, esperava um segundo e dizia ao seu anjo da guarda que passasse primeiro, pois desejava ele aplicar ao seu custódio celeste as regras de boas maneiras. No dia em que o bispo o fizera padre, terminadas as cerimônias, indo para os seus aposentos para se despir das indumentárias levíticas, repetiu o mesmo rasga-seda com seu alado protetor. E, diz a lenda carola, aconteceu o imprevisto. Apareceu-lhe o anjo, roçando-lhe as orelhas com as pontas das asas, dizendo-lhe: Francisco, agora você é mais do que eu! Passe na minha frente! O anjo sabia reconhecer o seu lugar inferior diante do padre, concluía beatificamente o padre espiritual...

Andando certa feita por um lugarejo do Norte Mineiro, vi, embevecido e orgulhoso, que os pobres caboclos fanáticos corriam a beijar na terra os rastros dos meus sapatos. Até esses sinais do padre são coisas sagradas para o beatério.

Tudo no padre, até suas vestes, e até o seu cuspe que põe no batizando, é santo, mesmo que seu coração seja um antro de ódios e adultérios.

A teologia burlesca do catolicismo romano não encontra, nos primórdios do Cristianismo, inclusive Santo Agostinho, nenhum fundamento para o seu sacerdócio. Pretende buscar na imposição das mãos que o prelado oficiante faz sobre os ordenandos, a essência do “sacramento da ordem” e na entrega da patena, do cálice e da hóstia o poder de rezar a missa, “tanto pelos vivos como pelos defuntos”.

A imposição das mãos foi praticada nas remotíssimas eras do Velho Testamento, significando consagração a um cargo ou concessão de uma bênção. Como exemplo, vamos recordar Israel estendendo a mão direita para abençoar (Gênesis 48.14).

Deus recomenda a Moisés: **“Farás chegar os levitas perante a tenda da congregação; e ajuntarás toda a congregação dos filhos de Israel. Quando, pois, fizeres chegar os levitas perante o Senhor, os filhos de Israel porão as mãos sobre eles”** (Números 8.9-10) para terem poder de exercer o seu cargo.

Quando Josué foi designado sucessor de Moisés, disse Deus a este: **“Toma a Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito e impõe-lhe a mão”** (Números 27.18).

Esta imposição das mãos não pode ser considerada como um “sacramento de ordem” em o Novo Testamento porque Jesus Cristo nem a instituiu e nem a renovou, visto que, em vez de impor as mãos, Ele

soprou sobre os Seus discípulos (Lucas 24.33-36, combinado com João 20.19-23) que estavam com os onze.

Pelo evangelista Marcos (10.16) consta que Jesus impôs as mãos às crianças que abençoava, não constando que delas haja feito sacerdotes. Impôs as mãos sobre os doentes e nem por isso os fez sacerdotes.

Fundamentar esta cerimônia sobre a imposição das mãos praticada em Atos dos Apóstolos e Cartas Paulinas (Atos 6.6; 19.6; 1ª Timóteo 4.14) seria contestar a declaração do Concílio de Trento que dogmatiza haver sido Jesus Cristo quem instituiu os “sacramentos”.

Portanto, atribuir a Jesus Cristo essa cerimônia é atribuir-Lhe uma coisa que Ele nunca fez. Atribuí-la aos apóstolos é fazer desaparecer o “sacramento” e jogar o Concílio de Trento contra o próprio Concílio de Trento.

Na ordenação do padre, o prelado celebrante dá-lhe o poder de rezar missa, entregando-lhe os utensílios para isso (cálice, patena e hóstia), dizendo: “Recebe o poder de oferecer sacrifícios a Deus e celebrar a missa, tanto pelos vivos como pelos defuntos”.

Em toda a Bíblia não se encontra a mais leve referência a esta cerimônia. Em Hebreus 9.26, encontramos coisa diferente: **“Agora, porém, ao se cumprirem os tempos, [Cristo] se manifestou uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de Si mesmo o pecado”**.

E em 10.12, na mesma Carta aos Hebreus, encontramos que: **“Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus”**.

Onde, pois, lugar para outros sacrifícios?

O ofício de sacrificador que o catolicismo romano oferece, com saliência destacada, aos padres, não repousa também em fundamento bíblico algum porque, entre as diversas funções evangélicas enumeradas por São Paulo em Efésios 4.11, não se encontra essa função e sim estas: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores ou mestres.

Sim!

O sacerdócio católico romano desprovido de qualquer fundamentação bíblica não passa de um entrave no caminho dos homens para Deus.

.oOo.

# UM MONUMENTO À VAIDADE

**A insolência do catolicismo romano** se elevou ao ápice estruturando seu sacerdotalismo numa intrincada organização elaborada lentamente no decorrer dos tempos.

Não era sem propósito que os crentes dos séculos III a V o apodaram de Igreja da Hierarquia.

O próprio Direito Canônico da seita (cânon 108 § 2) define a sua hierarquia como “a série de pessoas que participam do poder eclesiástico”. Entre essas pessoas, igreja e hierarquia são termos idênticos. São sinônimos. Confundem-se. Dizem que os católicos devem obedecer e se sujeitarem à igreja, isto é, à hierarquia.

O personagem basilar dessa estrutura é o papa, originário de uma imitação esdrúxula das honrarias atribuídas ao Imperador Romano. Muitos títulos alimentam a vaidade desse cidadão: vigário do Filho de Deus, sucessor de São Pedro, patriarca do Ocidente, primaz da Itália, metropolitano da Província de Roma, bispo de Roma, monarca do Vaticano, Sumo Pontífice, santíssimo padre, rei dos reis, soberano dos soberanos, senhor dos senhores,...

É-lhe conferido o supremo e total poder de jurisdição sobre todo o catolicismo romano relativamente aos assuntos de fé, moral, disciplina e governo.

Prestam-se-lhe honrarias mais insígnias do que à hóstia da missa!

É infalível!

Um grupo de cardeais falíveis – desde um decreto do papa Nicolau II, em 1059, ratificado pelo cânon 232, do Código de Direito Canônico – elege um papa infalível! Alega-se que o Espírito Santo interfere na eleição do papa através das manobras, dos conchavos, dos “entendimentos”, da politicagem, enfim, dos cardeais eleitores.

E as injunções de elementos alheios ao colégio cardinalício?

**.o.**

O papa, no governo de sua igreja, dispõe de um senado composto pelos cardeais, que são os seus principais conselheiros (se infalível por ser papa, por que conselheiros?) e auxiliares.

Estes se dividem em:

Cardeais-bispos, que são os prelados das dioceses suburbicárias, isto é, vizinhas de Roma;

Cardeais-presbíteros, que são bispos em dioceses distantes de Roma;

Cardeais-diáconos, os cardeais que não são bispos diocesanos, mas respondem, como presidentes, pelas congregações.

Além desse colégio cardinalício, o papa dispõe da cúria romana, que opera sob tríplice modalidade de sagradas congregações, tribunais e ofícios.

As sagradas congregações, em número de onze, são as seguintes: Santo Ofício ou Santa Inquisição, Consistorial, Sacramentos, Concílios, Religiosos, Propagação da Fé, Ritos, Cerimônias, Negócios Eclesiásticos, Extraordinários, Seminários e Universidades e da Igreja Oriental.

Os tribunais são três: Sagrada Penitenciária, Sagrada Rota Romana e Signatura Apostólica.

E os ofícios são: Chancelaria Apostólica, Datária Apostólica, Câmara Apostólica, Secretaria de Estado e Secretaria dos Breves para os Governos Cíveis e das Cartas Latinas.

Pela Secretaria de Estado, o papa mantém embaixadores, “núncios apostólicos”, junto aos governos que o reconhecem chefe político do Estado do Vaticano. Os outros governos são mimoseados com excomunhões.

Pela Câmara Apostólica, o papa administra os bens temporais da Santa Sé, onde circula sistema monetário próprio.

Não poderia faltar ao papa para lhe completara os estratagemas da vaidade um exército ou força militar que se compõe de quatro armas: guarda suíça, guarda nobre, gendarmes e guarda palatina.

#### .o.

O episcopado é o posto imediatamente inferior ao papa na ordem de jurisdição dentro da hierarquia.

O cânon 329 § 1 do Código de Direito Canônico é a súpula da doutrina católica ao sentenciar que os bispos são sucessores dos apóstolos e que, por instituição divina, governam as respectivas circunscrições sob a autoridade do romano pontífice.

Se o Concílio Vaticano I, na segunda metade do século XIX, dogmatizou a infalibilidade do papa, o Concílio Vaticano II está enfatizando o múnus episcopal, contanto que o bispo fique jungido ao trono papalino.

O papel do bispo é governar, em sujeição ao papa, uma região territorial denominada “diocese”. Dispõe ele dos seguintes poderes: de ordem (pelo qual aplica a crisma, a ordenação sacerdotal e a sagração episcopal), de magistério, jurisdicional, legislativo, judiciário, coercitivo e administrativo.

Os bispos se classificam em:

Arcebispos ou Metropolitanos, quando à frente de províncias eclesiais, cujos bispos, no caso, se denominam sufragâneos. O arcebispo ou metropolitano da capital de São Paulo tem sob as suas vistas



os bispos de Santos, Santo André, Mogi das Cruzes e Sorocaba, que lhe são sufragâneos;

Bispo Residencial ou Diocesano, cuja denominação técnica na legislação católica é “ordinário” e está investido do múnus de governar uma diocese;

Bispo Coadjutor é o que, sob a jurisdição do “ordinário”, colabora no governo de uma diocese, com direito à sucessão;

Bispo Auxiliar é dado para ajudar o bispo diocesano ou o “ordinário”, nos casos de acúmulo de trabalho (?), de idade avançada ou de enfermidade permanente. Este auxiliar, todavia não tem direito à sucessão;

Bispo Titular. Aos bispos não residenciais dá-se-lhes como simples título uma diocese extinta;

Bispo Resignatário é aquele que, por qualquer motivo, renuncia a sua diocese e fica sem o exercício de sua investidura.

A alguns bispos, Roma distingue com o título de Conde Romano, cuja insígnia é o “arminho” usado nos ombros em certas pompas.

Patriarca é um título honorífico com o privilégio de precedência nas reuniões episcopais que se dá aos arcebispos residenciais de Alexandria, Jerusalém, Veneza, Lisboa e Goa. O papa também é patriarca de Roma. Patriarcas são também os arcebispos titulares de Antioquia e Constantinopla. E patriarca das Índias Orientais é o capelão militar do exército espanhol.

Primaz é o arcebispo de uma arquidiocese que, no passado, exerceu grande influência na catequese de vasta região. Por exemplo, o arcebispo de Salvador, na Bahia, é o primaz do Brasil por ter sido Salvador a primeira diocese brasileira.

O bispo que não mora nem em casas simples e nem em apartamentos, mas em palácios e se distingue entre os clérigos com a reluzente cruz de ouro no peito, governa a sua diocese por meio da cúria diocesana, do cabido ou dos párocos consultores.

Na cúria funcionam os seguintes oficiais: vigário geral, chanceler, notário, examinadores sinodais e arquivista.

No caso de morte ou transferência do “ordinário”, durante a *sede vacante* (como se denomina a diocese sem o seu bispo), enquanto não chega o seu sucessor, compete ao vigário capitular, escolhido pelo cabido ou pelos párocos consultores, administrar os negócios da diocese.

.o.

O governo do bispo atinge os fiéis através da atuação dos padres. Cada diocese é repartida em paróquias, isto é, uma porção geográfica delimitada, cujos habitantes católicos ficam sujeitos à jurisdição eclesiástica de um padre denominado pároco ou vigário.

O padre, ainda, pode ser investido dos títulos de cônego (capitular ou honorário) se fizer parte do cabido diocesano, ou de monsenhor (protonotário apostólico, prelado doméstico ou camareiro secreto).

Cada título, desde o papado até o canonicato, tem as suas insígnias especiais e bem determinadas, inclusive nas nuances de suas cores.

Uma procissão em que comparecem dignatários clericais, expondo suas insígnias policromas, não passa de um desfile de modas medievais.

E se fôssemos considerar as respectivas tonalidades de cada título ou cargo, lembrando, outrossim, a divisão do clero em secular e regular, este capítulo teria o tamanho de todo este livro. Temos, no final de contas, motivos suficientes, com essa exposição ligeira, para constatar que a hierarquia católica é um monumento ridículo à vaidade dos homens fâtuos, como os padres, que porfiam galgar os seus degraus.

Conheci um padre que tinha tanta ambição de ser bispo que comprara todos os “arreios” episcopais e morreu esperando sua eleição. Essa doença contagiosa entre o clero é de caráter endêmico e se chama “bispite”.

A vaidade é o clima favorito dos bispos. A mania de grandeza é a sua máxima preocupação. Vez por outra, erupção dessa infecção espiritual se manifesta em publicações de “cartas pastorais” que concluem assim: “Et benedictio Dei Omnipotentis, Patris, et Filii, et Spiritus Sancti descendat super vos et maneat semper. Amen. Dada e passada na Cidade..... sob o nosso Sinal e Selo de nossas Armas.....”.

A assinatura do bispo é precedida de uma pequena cruz. E, entre as suas insígnias, distingue-se o brasão de suas armas.

Um “ordinário” brasileiro, em apêndice de sua carta pastoral de saudação aos seus diocesanos, traz considerações reveladoras do seu estado espiritual gangrenado pela vaidade, as quais vamos transcrever

## **“BRASÃO DE ARMAS**

### **Descrição Heráldica**

**CAMPOS** – Nosso brasão é um escudo esquartelado. No primeiro quartel, rebaixado em azul, um mantel com flancos de prata; em seu centro, a flor de liz, encimada por uma coroa de rainha, ambas de ouro. No segundo quartel, sobre campo de ouro, cinco merletos de sable, postos em santor. No terceiro, em campos de ouro, nove triângulos de

azul, invertidos, em três palas. No quarto de prata, uma aspa de azul, carregada de cinco besantes de ouro.

**TIMBRE** – Cruz pastoral trilobada, de ouro, tendo à direita a mitra episcopal e à esquerda o báculo, igualmente de ouro.

**PAQUIFE** – Chapéu prelatício episcopal, enfeitado com um cordão de doze borlas, sendo seis de cada lado, tudo em sinople.

**DÍSTICO** - De sable, sobre listel de prata.

### **Descrição simbólica**

No primeiro quartel, em lugar de honra, o manto heráldico de cor azul, em fundo branco, representa o manto de Nossa Senhora, o lírio de ouro é a Virgem de intemerata pureza; encimado por uma coroa de Rainha, simboliza Maria Santíssima, Mãe piedosa e Rainha onipotente, é Senhora Soberana de nosso Episcopado. O lírio de ouro foi tomado do exmo. Sr. Cardeal ....., em homenagem ao Arcebispo ..... de cujo clero fizemos parte até agora.

Os outros quartéis se prendem às famílias de que descendemos. O segundo, da Família Leme, oriunda de Flandres, que passou a Portugal com Martim Leme, no tempo de Afonso V, a quem serviu firmando nobreza. O terceiro reproduz o brasão da família Cunha, das mais antigas de Portugal, com solar no termo de Guimarães. O último encerra o emblema da família Araújo Cintra que, de Portugal, onde tomou o brasão de aspa com besantes, se passou para o Brasil”.

.o.

Todo este vocabulário da hierarquia católica é absolutamente estranho nas páginas do Novo Testamento. Revela, outrossim, a falácia desse sacerdócio criado para adubar a soberba de homens incrédulos e ímpios.

.oOo.

13

**CRISTO, ÚNICO MEDIADOR  
E ÚNICO SACERDOTE**

**Andam espalhadas por todo o Brasil** as coleções catequéticas – melhor diria: caquéticas – do enfeitado monsenhor Álvaro Negromonte, cujo escopo é perverter as almas dos estudantes com as falsidades da idolatria e sujeitar milhões de patrícios nossos à escravidão de falsas interpretações da Bíblia, na conformidade com a ganância de alimentar o orgulho de uma enorme casta clerical. Num dos seus livros, “As Fontes do Salvador”, edição do ano 1961, página 76, em rodapé, declara: “Temos, pois, direito de dizer que o Protestantismo não é uma religião, nem mesmo falsa, porque não tem sacrifício, nem sacerdócio”.

O paganismo tinha os seus sacerdotes e, nesse caso, pode ser considerado religião, mesmo falsa! Inclui-se no paganismo a seita católica romana que mantém um corpo hierárquico de sacerdotes e um ritual de sacrifício que denomina de “missa”.

Também, nessas palavras, o autor da mencionada coleção interpreta não só o conceito que o romanismo faz do Protestantismo, apesar de chamar os seus adeptos de “irmãos separados”, mas, também destacada o valor atribuído à falácia do sacerdócio dos padres naquelas áreas romanistas.

Esquece-se o professor de catecismo que na Dispensação Cristã não há necessidade de outro sacerdócio senão o de Jesus Cristo!

“O sacerdócio da igreja, sob a dispensação mosaica, era uma instituição temporária e destinada a desaparecer depois da encarnação de Jesus Cristo. Com efeito, a Sagrada Escritura declara que Jesus é o “único” mediador do pacto da graça entre Deus e os homens, tanto sob a nova, como sob a antiga dispensação; diz, porém, que o ‘mediador não o é de uma parte somente e Deus é somente uma parte...’; donde se segue que, antes de sua encarnação, não era Jesus Cristo um mediador completo; pois se por sua natureza divina estava perfeitamente apto para representar Deus perante os homens, faltando-Lhe a natureza humana, não estava igualmente apto para representar os homens perante Deus. Daí a necessidade de um sacerdócio humano que suprisse tipicamente a humanidade que faltava na pessoa do mediador. Por meio desse sacerdócio típico chegavam-se os homens a Jesus Cristo e este os representava diante de Deus. Mas, depois que Jesus Cristo encarnou-se, supérflua tornou-se a instituição do sacerdócio; porquanto pela humanidade de Jesus Cristo todos os crentes têm acesso a Deus” (Ernesto Luiz de Oliveira, em “Roma, a Igreja e o Anticristo”, 2ª edição, página 232).

“O papa de Roma é, então, um usurpador dos direitos inalienáveis, inconferíveis e intransferíveis de Jesus Cristo”, conclui o mesmo escritor na página seguinte desse mesmo estudo.

Cristo é o único e eterno Sacerdote!

Seria o caso de se perguntar aos padres: Quantos deuses há?

Responderiam de conformidade com o catecismo deles: Um!!! E não pode haver mais do que um!!!

Exato! Seria absurdo pretender-se mais do que um Deus, pois a unidade é um dos Seus atributos essenciais. Divindade e multiplicidade são termos que se repelem.

No Concerto do Novo Testamento, o mesmo se pode dizer sobre o sacerdócio de Cristo porque, segundo a ordem de Melquisedeque, diz **“Tu és sacerdote para sempre”** (Hebreus 7.21) e veio a se constituir único sacerdote por ter-se oferecido em sacrifício uma única vez (Hebreus 7.27).

**“Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus”** (Hebreus 10.12).

A função específica do sacerdote é oferecer sacrifício. Jesus ofereceu-se em sacrifício para a redenção dos homens. Como Sacerdote do Seu próprio sacrifício, ofereceu-se a Si mesmo, para sempre, em um único sacrifício.

Seu sacrifício na cruz é de valor infinito. É único por isso. O Seu sacrifício é, outrossim, infinitamente perfeito sob todos os aspectos. Qualquer outro sacerdote a oferecer outro sacrifício não tem mais razão de ser. Jesus Cristo esgotou em Si mesmo esse assunto e uma repetição do Seu sacrifício igualmente não é possível. Criarem-se outro sacerdote e outro sacrifício, mesmo dependentes de Jesus Cristo, seria inócuo e se anularia a perfeição infinita daquilo que Cristo realizou.

Note-se a doutrina romanista sobre os seus sacerdotes, consubstanciada nessas expressões de Tomás de Aquino: “O que constitui, para falar nos devidos termos, o ofício do sacerdote é ser mediador entre Deus e o povo, enquanto comunica ao povo as realidades divinas” (Summa Theologica, III, q. XXII, 1; q. XXVI, 2).

Confronte-se esta doutrina com os ensinamentos claros da Palavra de Deus: **“Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”** (1ª Timóteo 2.5).

Os padres não suportam a citação deste texto e folgariam muitíssimo se pudessem desaparecer com ele. Dão-lhe as mais descabidas interpretações, inclusive a de ser Jesus Cristo mediador principal que não recusa a ajuda de mediadores secundários. O texto é explícito, límpido e qualquer esclarecimento em abono da posição romanista é puro e deslavado sofisma, mesmo que derive das bulas papais, que não passam de burlas.

Na Carta aos Hebreus, a Revelação Divina demonstra a superioridade da Dispensação Cristã (ou Cristianismo) sobre o Judaísmo, também pelo argumento de que o sacerdócio de Cristo é superior ao sacerdócio do Velho Testamento. Esse mesmo sacerdócio de

Cristo, eterno, único, infinitamente perfeito, anula todas as pretensões do sacerdócio católico-romano.

.o.

O pecado adâmico cortou as possibilidades de aproximação espiritual da criatura humana com Deus. E, em consequência de sua própria condição de decaído, o homem jamais seria capaz de restaurar a situação inicial estabelecida por Deus.

O homem é pecador. Deus é santo. E nada existe em comum entre um e outro.

O homem é finito. Deus é infinito. Não existe nenhum laço entre ambos. Só por mim, não sou capaz de tocar com as mãos o teto de minha casa, mas o elo de uma escada me facilita essa aproximação entre o teto e eu. Assim, se alguma vez tivesse de existir uma comunhão autêntica entre o céu e a terra, entre Deus e o homem, teria de haver um elo que os ligasse.

Na Sua infinita condescendência, decidiu Deus enviar aos homens o Seu Filho, como PONTÍFICE – palavra já traduzida muitas vezes por “entre Deus e os homens”.

Pontífice, de acordo com a etimologia, é o fabricante de pontes. E não concebemos ponte sem duas margens distantes e opostas. A função da ponte é intercomunicá-las. Jesus Cristo é o autor da ponte entre o Céu e a terra, restaurando a possibilidade de contato entre o Criador e a criatura, incomunicáveis pelo abismo do pecado.

Cristo é o liame entre o finito e o Infinito, entre o homem e Deus, pois que é finito na Sua natureza humana e é Infinito na Sua natureza divina e é Um na Unidade de Sua Pessoa.

Cristo é o único Medianeiro entre esses dois extremos: Deus, a Santidade Infinita e a criatura, a abjeção do pecado. É Ele o Embaixador de Deus entre os homens.

Todos esses títulos são, afinal, ilustrações do sacerdócio de Jesus Cristo.

Que é o sacerdote?

Um sacerdote é um intermediário, um elo, um mediador entre Deus e os homens.

O sacerdócio de Jesus Cristo se deriva diretamente de Sua encarnação. Na mediação está o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo. Mediador ou Pontífice não poderia ser sem se ter feito Homem também – o que Lhe deu condições de religar os dois termos separados pelo pecado: Deus e a criatura humana.

O Verbo que, ao mesmo tempo, é imagem perfeita do Pai, exemplar da criação e, por isso, ocupa lugar central na economia do mundo, desde que se encarnou, tornou-se o liame religioso entre Deus e a humanidade e, em consequência, é o SACERDOTE.

Ele, Jesus, não é **um** sacerdote. Mas é **o** sacerdote único!

Cristo é a única Pessoa a ouvir constantemente a palavra eterna da Geração Divina: **“Tu és Meu Filho!”** (Hebreus 5.5).

JESUS É TODO O SACERDÓCIO!!! A Sua vocação sacerdotal identificou-se com o propósito da encarnação. O sacerdócio não é um privilégio accidental, e sim a prerrogativa mais essencial do Verbo encarnado, toda a Sua razão de ser diante de Deus e junto dos homens. Cristo é em tudo sacerdote. A Sua união hipostática nos desvenda as origens profundas do Seu sacerdócio.

Cristo esgota em Si todo o sacerdócio.

Cristo e sacerdote são dois títulos que se interpenetram em nosso Divino Salvador.

Dupla é a Sua missão: trazer Deus aos homens, proporcionando-lhes vida divina. E levar para Deus os homens, redimindo-os do pecado.

O objetivo da vinda de Jesus a este mundo teve essa dupla finalidade.

**“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”** (João 10.10), enfatizou Jesus. Como sacerdote, o primeiro motivo de Sua encarnação é trazer Deus aos homens, isto é, vida eterna à vida humana.

Esta vida eterna ou vida divina é a verdade mais importante de Bíblia.

**“Quem crê no Filho tem a vida eterna”** (João 3.36). **“Em verdade, em verdade vos digo: Quem crê, tem a vida eterna”** (João 6.47). **“Eu lhes dou a vida eterna”** (João 10.28). **“Assim como Lhe conferiste [a Jesus] autoridade sobre toda a carne, a fim de que Ele conceda a vida eterna a todos os que Lhe deste”** (João 17.2). **“Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor”** (Romanos 6.23).

A vida humana não é o máximo limite. Não podemos negar que há outra vida superior a ela. Os vermes não diriam a verdade se se lembrassem de afirmar que no mundo não havia vida superior à deles. Basta o fato de jamais estarmos satisfeitos com nossas vidas terrenas, para se demonstrar a existência de outra vida superior a esta. Somos como gigantescas aves aprisionadas, cujas asas batem desesperadamente contra as douradas grades da prisão do tempo. Os homens sempre anelam mais. Aspiram mais. Por isso, os imperadores romanos se intitulavam deuses a si próprios. Por isso que os homens, quando esquecem o verdadeiro Deus, se adoram a si mesmos, como se fossem deuses. E a hierarquia do catolicismo romano não é a manifestação deste anelar? Os homens, todavia, por suas próprias forças, nunca podem alcançar essa vida superior, como ninguém pode transformar pedras em flores.

**“O que é nascido da carne é carne”** (João 3.6).

Para alcançar uma vida mais alta, é mister que lhe seja dada do alto.

Foi essa a lição que Jesus ensinou a Nicodemos: **“Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo [do alto], não pode ver o reino de Deus”** (João 3.3).

Importa nascer do Espírito porque **“o que é nascido do Espírito, é espírito”** (João 3.6).

Carne que somos, só Jesus – o sacerdote da vida eterna – pela Sua morte vicário na cruz, nos poderá proporcionar o nascimento para essa vida superior!

Se, ao assumir a carne humana, Jesus Cristo, o Verbo eterno de Deus, tornou-se o elo de mediação entre Deus e os homens, na cruz do Calvário, consumou Ele Sua mediação sacerdotal reconciliando os homens com Deus.

Muitas vidas edulcoradas de Cristo pintam-nO como se Ele tivesse sido apenas um reformador moral, um mestre de ética humanitária, um amigo sentimental das crianças, das flores e dos passarinhos, ou um divino padecente para consolo dos sofredores.

Ora, Jesus Cristo, primordialmente, não é nada disso.

É, sim, e acima de tudo, o Redentor. E é nessas condições que Ele se distingue radicalmente de todos os demais reformadores e mestres de moral.

Todos vêm ao mundo para viver.

Cristo veio para morrer!

Sua vida foi consagrada ao martírio da Cruz, desde a gruta de Belém.

A Sua morte não era na Sua existência um incidente. Era o fim único para que havia nascido. Era o máximo propósito que tinha de efetuar.

Durante toda a Sua vida redentora, olhou de frente a Sua redentora morte. A Sua circuncisão, quando tinha apenas oito dias de nascido, já fora uma antecipação do derramamento do Seu sangue no alto do Calvário. Logo no início de Sua missão pública, a Sua presença ditou a João Batista aquelas palavras que este disse aos seus discípulos às margens do Jordão: “Eis o Cordeiro de Deus!” (João 1.29).

À confissão de Sua Divindade, feita por Pedro, Jesus replicou que **“Lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia”** (Mateus 16.21).

Essa tenebrosa perspectiva fazia-Lhe pesados os dias e foi por isso, que exclamou, com impaciência comovente: **“Tenho, porém, um**



**batismo com o qual hei de ser batizado, e quanto Me angustio até que o mesmo se realize”** (Lucas 12.50).

A Nicodemos profetizou Ele a Sua morte na cruz, afirmando-lhe: **“E do modo porque Moisés levantou a serpente no deserto,** assim importa que o Filho do homem seja levantado” (João 3.14).

Intitulando-se o Bom Pastor, exclamou: **“O Bom Pastor dá a Sua vida pelas ovelhas... Dou Minha vida pelas ovelhas... Ninguém a tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou”** (João 10.11, 15, 18).

E, para que, em todos os tempos, todos os homens não se esqueçam jamais de que Ele veio ao mundo para ser o nosso Salvador e Redentor, Jesus pronunciou estas comoventes palavras: **“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não requeira, mas tenha a vida eterna”** (João 3.16).

Perguntar-se-á: Por que a morte desempenharia um papel tão relevante nos planos de Deus? De que maneira a morte se tornou intermediária entre o homem e Deus?

Pelo fato de ter sido ela a moeda de resgate do pecado. Como pecador, o homem não tinha possibilidades de reconquistar o favor de Deus, como uma pessoa que devesse bilhões de reais não poderia pagar essa dívida com dez centavos.

Cristo quis pagar a dívida dos homens, sofrendo por eles, pois que a morte voluntariamente aceita é a prova suprema de amor.

**“Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor do seus amigos”** (João 15.13).

A reparação só poderia ser feita por Aquele cujo mérito próprio se constituía em oferta suficiente do amor infinito à justiça infinita. E nem seria possível uma reconciliação perfeita e completa entre Deus e o homem se o Reconciliador não dispusesse de capacidade para ser o Mediador. Se não pudesse representar Deus perante o homem e não pudesse igualmente representar o homem perante Deus.

Em outras palavras, o Reconciliador tinha de ser forçosamente sacerdote, isto é, o vínculo entre Deus e o homem, por isso que era verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Como verdadeiro Homem, podia sofrer e morrer verdadeiramente. E, sendo verdadeiro Deus, deu valor infinito ao Seu sofrimento e à Sua morte.

O derramamento de sangue é o supremo sacrifício por ser o sangue elemento essencial à nossa vida.

Como Homem, o nosso Salvador derramou o Seu sangue até a última gota para demonstrar, ao mesmo tempo, a repulsa de Deus pelo pecado e o amor de Deus pelos homens. Somente o Justo pode

responder em boa moeda, pela injustiça. Só o Puro pode resgatar as dívidas dos devedores. Só Cristo podia, na Sua infinita misericórdia, expiar os pecados cometidos pelos homens contra Deus. Somente Cristo pode redimir! E, quando Ele tomou a Cruz sobre os Seus ombros, esqueceu-se das repugnâncias do corpo, para se lembrar apenas das satisfações do amor.

Não foi quando Jesus ressuscitou dos mortos; não foi quando imperava aos mares e aos ventos que se aquietassem; não foi quando miraculava os cegos, os paralíticos, os mudos e os leprosos; não foi quando se transfigurou no alto do Tabor; não foi quando multiplicou os pães; não foi quando era aclamado pelas multidões – mas sim, quando foi crucificado, insultado, cuspidos, que Ele demonstrou o Seu poder de converter os homens, convertendo o coração empedernido dum ladrão, chamando a Si uma alma que fora mais dura que uma pedra e garantindo-lhe salvação eterna: **“Hoje estarás comigo no Paraíso!”** (Lucas 23.43).

Esta garantia foi a revelação da imensidade da Sua onipotência sacerdotal. O purgatório, lugar de expiação, cuja existência não se demonstra pela Bíblia, de si, já significa menosprezo à onipotência sacerdotal de Jesus.

Na Colina do Calvário celebrou o ato mais solene do Seu sacerdócio. A Cruz erguida entre o céu e a terra, como marco de reconciliação, foi o Seu altar.

Diante desse sacerdócio infinito é possível a presença de sacerdotes outros?

O sacrifício (da missa) e o sacerdócio “sacramentais” do catolicismo romano, porventura, se reais, não desmereceriam os de Jesus Cristo?

Realmente, a seita católica romana escarnece do sacerdócio de Jesus Cristo!!!

O ato básico e primordialíssimo do Seu sacerdócio – o oferecimento do sacrifício redentor – Cristo o exerceu somente **“uma vez”** no Calvário, mas com tal plenitude de amor, com tal eficácia, com tal suficiência, que nesta **“oblação única”** (Hebreus 10.12-14) salvou o mundo, conduzindo de vez à suprema perfeição Sua obra redentora, “consumando” todos os resgatados na união divina, méritos infinitos, satisfação adequada, superabundante, por todos os pecados do mundo, adoração, súplica, ação de graças, toda a atividade do Cristo na Cruz assumiu, realmente, o modo sacerdotal de um sacrifício redentor. Diante do Pai, Ele próprio perpetua a permanência do Seu sacrifício porque está continuamente intercedendo por nós.

**“Porque continua para sempre, tem o Seu sacerdócio imutável. Por isso também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”** (Hebreus 7.24-25).

Pela Bíblia não estamos autorizados a inventar nenhuma outra forma de permanência do sacrifício de Cristo. Nem pela forma da chamada “missa” ou “eucaristia”. Nem a extensão “sacramental” do sacerdócio de Jesus Cristo através de “padres”, encargo totalmente desconhecido nos livros inspirados do Novo Testamento. Aliás, a Carta aos Hebreus pulveriza essa instituição sacrílega e nefasta.

.oOo.

## 14

### **“SACERDOS IN AETERNUM”**

**Os padres têm a empáfia** de se julgarem sacerdotes para sempre – “*sacerdos in aeternum...*”! Lobos rapaces, esfaimados de glórias mundanas, não conseguem satisfação de suas ambições com as conquistas de poder terreno e domínio sobre as almas entre as criaturas que subjagam, tomando de Cristo o que Lhe é devido exclusivamente. Vão buscar na “missa” uma oportunidades de endeusamento pessoal, pretendendo “renovar” o sacrifício **único** de Jesus Cristo. No confessionário, antro de pecados pior do que Sodoma e Gomorra, escravizam as consciências na impostura de um suposto poder de perdoar pecados. No catolicismo romano tudo gira ao redor dessa figura, que se intitula sacerdote para sempre... “*Sacerdos in aeternum!*”

Todavia, o título compete a Jesus Cristo, como direito exclusivo e inalienável. É Ele o autor de **“eterna salvação”**, havendo se tornado um Sumo-Sacerdote para sempre, segundo a ordem e Melquisedeque.

O sacerdócio de Melquisedeque é a ilustração bíblica do Velho Testamento para o sacerdócio de Jesus Cristo.

**“Melquisedeque, rei se Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo; abençoou ele a Abrão e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo; que possui os céus e a terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos. E de tudo lhe deu Abrão o dízimo”** (Gênesis 14.18-20).

Esse Melquisedeque é a figura consagrada de Jesus Cristo, por ser sacerdote e rei – atributos estes que o destacam singularmente no Antigo Testamento.

Após a vitória de Abrão sobre os reis poderosos que devastavam a Palestina, surge esse vulto original de Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Altíssimo, celebrando com uma oferta pura a vitória do pai do povo eleito, o patriarca Abrão, que lhe entrega o dízimo.

Surge esse personagem entre o povo escolhido (representado por Abrão) e Deus, sem que lhe seja mencionada a genealogia sacerdotal e real e sem qualquer referência à sua ascendência. Oferece esse vulto singular um único sacrifício. E jamais a história dos hebreus faz quaisquer referências sobre esse personagem importante.

Tornou-se o sacerdócio de Melquisedeque, por sua singularidade, ilustração e modelo do sacerdócio de Cristo, mediante juramento divino.

**“O Senhor jurou e não se arrependará: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”** (Salmo 110.4).

O relato de Gênesis 14.18-20 indica duas características acerca de Melquisedeque: sua permanência contínua e sua grandeza incomum.

A primeira é indicada pelo seu silêncio.

A segunda, pelas suas declarações.

Nesta passagem da Escritura Sagrada, tanto o que é declarado como o que é omitido tornam-se igualmente importantes.

Recorde-se que no Antigo Testamento as genealogias se revelavam de grande importância, máxime no caso dos sacerdotes. Sabe-se que Deus ordenou a Moisés instituir Arão e seus filhos como sacerdotes e o livro de Êxodo (28.1), relaciona os seus nomes. Também o livro de 1º Crônicas (6.1-30) relaciona os descendentes de Levi que compuseram a classe sacerdotal na Dispensação da Lei.

Melquisedeque, ao contrário, é apresentado simplesmente como um sacerdote por direito próprio e não em resultado de descendência física, porquanto, nesta passagem de Gênesis, nada se diz sobre os seus antepassados e nem são mencionados o seu nascimento e a sua morte. Também não se menciona qualquer sucessor seu, sendo aludido uma única vez no Livro Sagrado como personagem vivo e que permanece sozinho e “para sempre” na lembrança dos leitores como Melquisedeque, o sacerdote.

Este silêncio das Escrituras o faz símbolo do Filho de Deus, que surgiu só uma vez na História, não conhecendo, todavia, nem princípio de dias e nem fim de vida.

Jesus é o Sumo Sacerdote – único e **“para sempre”**.

**“Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão quando voltava da matança dos reis, e o abençoou; para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja rei de paz; sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim**

**de existência, entretanto feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente”** (Hebreus 7.1-3).

A grandeza de Melquisedeque avultava aos olhos de Abraão que o patriarca não se furtou de lhe entregar os dízimos, a décima parte do melhor dos despojos. Era a hora épica das vitórias e a posição de destaque, certamente, cabia ao chefe vitorioso, Abraão, que, na entrega dos dízimos, reconheceu superioridade em Melquisedeque. Consta em Gênesis que Melquisedeque abençoou a Abraão, demonstrando que, por mais favorecido de Deus que fosse Abraão, Melquisedeque era ainda maior do que Abraão.

Em consequência daquela entrega, conclui-se a superioridade de Melquisedeque sobre os sacerdotes levitas, que tem apenas um direito legal de receber dízimos. Abraão, porém, reconheceu no rei de Salém um direito que lhe é inerente, por ser considerado superior. Aliás, no gesto de Abraão estava envolvido o seu descendente Levi, o qual compartilhou assim no reconhecimento da superioridade e grandeza de Melquisedeque.

**“Considerai, pois, como era grande esse a quem Abraão, o patriarca, pagou o dízimo, tirado dos melhores despojos. Ora, os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio, têm mandamento de recolher, de acordo com a lei, os dízimos do povo, ou seja, dos seus irmãos, embora tenham estes descendido de Abraão; entretanto, aquele cuja genealogia não se inclui entre eles, recebeu dízimos de Abraão, e abençoou o que tinha as promessas. Evidentemente, é fora de qualquer dúvida, que o inferior é abençoado pelo superior. Aliás, aqui são homens mortais os que recebem dízimos, porém ali, aquele de quem se testifica que vive. E, por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão. Porque aquele ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste”** (Hebreus 7.4-10).

.o.

Refulge nas Escrituras a personalidade de Melquisedeque como sacerdote e rei, ao mesmo tempo. São duas características de Jesus Cristo.

**“Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-Te à Minha direita, até que Eu ponha os Teus inimigos debaixo dos Teus pés”** (Salmo 110.1). **“Ele mesmo edificará o templo do Senhor, e será revestido de glória; assentar-se-á no Seu trono e dominará, e será sacerdote no Seu trono e reinará perfeita união entre ambos os ofícios”** (Zacarias 6.13). **“O essencial das cousas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus”** (Hebreus 8.1).

Nesta altura das nossas considerações, é interessante notar-se a resposta de Jesus ao sumo sacerdote Caifás, da Ordem Levítica, nos seus estertores finais, quando do Seu julgamento diante do Sinédrio: **“Eu vos declaro que desde agora vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu”** (Mateus 26.64).

O sacerdote paradigma do sacerdócio de Jesus era **“rei da justiça”**, de acordo com a significação do seu nome **“Melquisedeque”**, e era **“rei de paz”**, em consequência do significado de sua residência: **“Salém”**.

Observe-se também o significado da ordem destacada nesse trecho bíblico: **“Melquisedeque, rei de Salém”** (Gênesis 14.18; Hebreus 7.1). **“Primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja rei de paz”** (Hebreus 7.2).

Primeiramente a **justiça** e, em consequência, a **paz**. É o mesmo que Isaías recorda: **“O efeito da justiça será paz e o fruto da justiça repouso e segurança, para sempre”** (Isaías 32.17).

E Tiago repete: **“É em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz”** (Tiago 3.18).

.o.

Na Antiga Dispensação entre Deus e o Seu povo, o sacerdócio era fundamental, **“pois nele baseado, o povo recebeu a lei”** (Hebreus 7.11) e qualquer alteração na ordem sacerdotal implicava e exigia mudança completa da constituição, com a implantação de uma Nova Aliança, e melhor que a primeira.

A Carta aos Hebreus enfatiza esta circunstância capital: **“Quando se muda o sacerdócio, necessariamente há também mudança de lei”** (Hebreus 7.12).

A Nova Aliança é superior à anterior por ter como fiador seu próprio Jesus Cristo. **“Jesus se tem tornado fiador de superior aliança”** (Hebreus 7.22).

O sacerdócio de Jesus é segundo a ordem de Melquisedeque porque este é radicalmente diferente do sacerdócio levítico e lhe é muitíssimo superior.

Em resultado da necessidade de uma nova ordem sacerdotal denuncia claramente o fracasso da ordem levítica.

Jesus não quis servir-se de nenhum elemento do ritual do sacerdócio levítico para a ordem nova que estabeleceu no Seu Reino. Nem quis servir-se de outra tribo a não ser a de Judá que não possuía qualquer vínculo com a ordem de sacerdotes nomeada por Moisés. Ainda é a Carta aos Hebreus que inclui esta observação: **“Porque Aquele de quem são ditas estas cousas, pertence a outra tribo, da qual ninguém prestou serviço ao altar; pois é evidente que nosso**

**Senhor procedeu de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes”** (Hebreus 7.13-14).

Não existe comparação entre o sacerdócio de Cristo e o sacerdócio levítico.

Existe, sim, contraste!

Sob a Antiga Dispensação eram todas físicas e externas as qualificações necessárias para que alguém fosse sacerdote. Em primeiro lugar, havia a questão da pureza física, por meio de rituais apropriados.

O catolicismo romano, à imitação do levitismo, exige qualificações externas para os seus ministros, por exemplo, limite mínimo de idade e ausência de certos defeitos físicos.

Sendo Jesus Cristo, o Sumo Sacerdote da Nova Dispensação, é óbvio que houve uma completa alteração na lei que governava o sacerdócio. As qualificações necessárias para Cristo ser sacerdote e desempenhar Sua obra sacerdotal são essencialmente espirituais e internas.

Essas qualificações espirituais e internas dependem da posse pessoal de uma vida indestrutível. **“Constituído, não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel”** (Hebreus 7.16).

A característica distintiva do sacerdócio de Melquisedeque é que esse sacerdócio é para sempre: **“Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”** (Hebreus 7.17).

Esse sacerdote eterno possui uma vida que não somente não se acaba, mas também que jamais poderá ser exterminada, **“constituído, não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder da vida indissolúvel”** (Hebreus 7.16).

Nessa conformidade, Ele faz o que nenhum sacerdote levita pudera fazer: apresentar aos homens a Deus e salvá-los até o extremo limite.

**“Por isso também pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”** (Hebreus 7.25).

Entrou no céu como vivo. Sua morte física não implicou na dissolução de Sua vida eterna como Deus. Apresenta-se a Deus como o Cordeiro que foi morto. Na presença de Deus, Ele agora permanece vivo por toda a eternidade.

A Ordem Antiga era provisória. Foi cancelada pela suficiência absoluta deste novo sacerdote, Jesus Cristo.

A Ordem Nova jamais poderá falhar como falhou a antiga. O seu sacerdócio, que é **para sempre**, foi divinamente instituído mediante um juramento de Deus, o que implica também em outra característica de sua superioridade relativa ao sacerdócio levítico. O testemunho de que a Nova Ordem sacerdotal é uma realização divina conclui-se de haver

sido duplamente confirmada: pela Palavra de Deus e pelo Juramento de Deus.

A Carta aos Hebreus é muito explícita: **“E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes, mas Este, com juramento, por Aquele que Lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre)”** (Hebreus 7.20-21).

Nunca poderá chegar o dia que esse Sacerdote deixará de existir.

Jamais chegará o dia em que esse Sacerdote deixará de ser eficaz.

O juramento divino envolve, no caso, algo que é definitivo, eterno e imutável.

É Jesus fiador desta Aliança Superior (Hebreus 7.22). Ele nos garante o Novo Pacto.

Nesta altura de nossas considerações, perguntar-se-á: Qual a utilidade de um sacerdócio sacramental? Por que o romanismo defende um sacerdócio como extensão do sacerdócio de Cristo? Onde encontrar fundamento bíblico que cooneste a argumentação romanista do seu sacerdócio?

O sacerdócio de Jesus poderia passar para outro ou para outros na hipótese – absurdo!!! – se Ele pudesse ser destruído pela morte, como sucedia aos sacerdotes levíticos.

**“Aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar; este, no entanto, porque continua para sempre, tem o Seu sacerdócio imutável”** (Hebreus 7.23-24).

Nada poderá incapacitá-LO para a função do Seu múnus de sacerdote. Ele é santo. Inculpável. Sem mácula. Separado dos pecadores. Eternamente, como Mediador e Sacerdote, serve àqueles que Lhe confiam a salvação!

Ungido Sacerdote na encarnação e feito vítima imolada na Cruz, Jesus Cristo **“se assentou à destra do trono da Majestade nos céus”** (Hebreus 8.1) para cumprir o mais excelente ministério na qualidade de Mediador da Nova Aliança.

Cristo é o verdadeiro Ministro do verdadeiro tabernáculo que está nos céus, que é a esfera total do Seu ministério. Os sacerdotes hebreus, com cerimônias estereotipadas, serviam na terra e se constituíam numa sombra da realidade celestial. Cristo morreu para ter condições de cumprir a realidade celestial.

Os sumos sacerdotes, ao se aproximarem de Deus, no santuário terrestre, levavam algo para oferecer em favor dos homens. Cristo ofereceu-se a Si próprio.

Ele **“que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios**



**pecados, depois pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a Si mesmo se ofereceu”** (Hebreus 7.27). **“Temos sido santificados mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas”** (Hebreus 10.10).

A oferta que Jesus fez de Seu corpo na Cruz foi realizada e consumada definitivamente por meio de um só ato decisivo. Foi um único ato consumado.

Esta imolação do corpo de Cristo, feita **“uma vez por todas”**, não deixa margem para se supor a existência de uma atividade contínua ou continuada na forma “sacramental” da missa preconizada pelos padres.

Ele está entronizado no lugar de todo o poder, de modo definitivo. Não volta a ser imolado incruentamente (?) nos altares da missa. No Brasil, há cerca de doze mil padres agora com a faculdade de rezar duas missas diárias. Seriam 24.000 repetições sacramentais e incruentas do sacrifício de Cristo. Isto atinge aos paroxismos da utopia ou da loucura. Mas é apregoado com o intuito exclusivo de endeusar o padre...

A doutrina pura e revelada divinamente é: **“Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os Seus inimigos sejam postos por estrado dos Seus pés. Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados”** (Hebreus 10.12-14).

Essa única oferta é de todo suficiente!

Tornou-se Jesus capacitado de salvar a todos quantos se valem da Sua mediação junto de Deus.

Ele **“pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”** (Hebreus 7.25).

Mediador eficaz e maravilhoso do Novo Pacto! Ele é todo suficiente e não precisa de homens fracos!

Com a intercessão deste divino Sacerdote, incorruptível, único e todo-suficiente, mesmo vivendo sobre a terra, os crentes podem considerar-se cidadãos do céu.

A Carta aos Hebreus exclama: **“Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus”** (Hebreus 3.1). **“Tendes chegado ao Monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da Nova Aliança”** (Hebreus 12.22-24).

Glória a Deus! Os crentes podem se aproximar ousadamente até ao trono da graça, por meio do seu Sacerdote único: **“Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou**

**os céus, conservemos firmes a nossa confissão”** (Hebreus 4.14).  
**“Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça...”** (Hebreus 4.16).

.oOo.

## EPÍLOGO

**O sacerdócio da Dispensação da Graça** é o sacerdócio de Jesus Cristo!

Aos crentes, aos nascidos do alto, porém, resta o sacerdócio como povo adquirido pelo preço infinito do sangue do Redentor.

**“Foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes”** (Apocalipse 5.9-10).

Por muito que se desesperem os teólogos católicos, não conseguem encontrar no Cristianismo primitivo nem sequer vislumbre do seu sacerdócio ministerial, sacramental e hierárquico. Como eles prezariam poder inserir suas pretensões nos capítulos dos Atos dos Apóstolos...

Os crentes tinham consciência mui viva do sacerdócio de Cristo e do sacerdócio comum a todos eles.

Agostinho, em sua obra *“De Civitate Dei”*, XX, 10, enfatiza a sua convicção: *“Omnes sacerdotes quoniam membra sunt unius Sacerdotis”*. TODOS são sacerdotes, porque membros do “único” Sacerdote.

Todos os crentes somos titulares de um sacerdócio espiritual-real! Nada de sacerdócio litúrgico-sacramental!

E, ao comentar o Salmo 25, o mesmo Agostinho afirma: “Não foi somente a Cabeça que recebeu a unção. Também o corpo foi ungido e o corpo somos nós... Jesus incorpora-nos nEle, faz-nos Seus membros, a fim de que nEle sejamos também Cristo. Por isso, a unção que o constituiu rei e sacerdote pertence também a todos os cristãos...”

“Justino inclui os crentes “na verdadeira raça arquissacerdotal de Deus” (Justino, c. Tryph., CXVI, 3).

Neste sentido, escreveu o apóstolo Pedro: **“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz”** (1ª Pedro 2.9).

Os crentes se constituem nesse **“sacerdócio real”** porque creem em Jesus Cristo, **“a pedra angular, eleita e preciosa”** (1ª Pedro 2.6).

Essa pedra que, rejeitada, se transformou em **“pedra de tropeço e rocha de ofensa”** (1ª Pedro 2.8).

Certa feita, Pedro proclamou: **“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”** (Mateus 16.16).

**“Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja”** (Mateus 16.18), assegurou-lhe Jesus.

A Igreja de Cristo, sobre a Pedra, a Rocha, edificada – que, aliás é o próprio Cristo – é que é a **“nação santa”, o “povo de propriedade exclusiva de Deus”** (1ª Pedro 2.9).

Comparando-se texto com texto – porque a Bíblia se interpreta com a própria Bíblia – conclui-se, com luz meridiana, a verdade sobre a Igreja de Jesus Cristo que tem como fundamento exclusivo o mesmo Jesus Cristo. Nela não cabe qualquer sacerdócio sacramental ou litúrgico-ministerial, nem qualquer clero hierarquizado e nem qualquer chefe supremo visível.

O catolicismo romano, como ainda recentemente vem demonstrando pelo seu Concílio Ecumênico Vaticano II na “Constituição Dogmática sobre a Igreja”, de 21 de novembro de 1964, jamais poderá se arvorar em Igreja Cristã, tal é a distância abismal que o separa da revelação bíblica. Pode ser considerado um sistema religioso-político, como o maometanismo ou o budismo. Nem sequer poderá considerar-se um ramo do Cristianismo, de vez que o seu chefe, sua pedra angular é um líder humano que se sucede à força de manobras e injunções políticas e a poder de violências e ostentações de luxo consegue se manter.

.o.

Pedro apresenta Jesus Cristo como a **“pedra que vive”** (1ª Pedro 2.4).

Jesus é a **“pedra que vive”**, porque Ele está vivo para sempre, proclamando a Seu respeito: **“Aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno”** (Apocalipse 1.18).

Jesus é a **“pedra que vive”** porque é o doador da vida. **“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá”** (João 11.25). **“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”** (João 10.10).

Os crentes são **“pedras vivas”** e, sobre Ele, todos juntos, são **“edificados casa espiritual”** (1ª Pedro 2.5), sendo **“Jesus Cristo a pedra angular”** (Atos 4.11).

A expressão **“casa espiritual”** reporta-nos à ideia de templo, conforme João 2.17-19: **“Lembraram-se os Seus discípulos de que está escrito: O zelo da Tua casa Me consumirá. Perguntaram-Lhe, pois, os judeus: Que sinal nos mostras, para fazeres estas cousas?”**

**Jesus lhes respondeu: Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei...”**

E a ideia de santuário ou templo indica, naturalmente, a lembrança de sacerdócio e sacrifício.

No Testamento da Graça há o sacerdócio de todos os crentes, estruturado em Jesus Cristo. O sacrifício que eles oferecem não é mais o de animais, porém de si mesmos. Nem oferecem “sacrifícios de missa” e nem têm possibilidade de renovar de modo “incruento” o Calvário.

Convencido desta realidade neotestamentária, recomendava Paulo: **“Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício santo, vivo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”** (Romanos 12.1).

Pedro, em sua Primeira Carta, esclarece: **“Sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo”** (2.5).

O sacrifício desse sacerdócio dos crentes é o **“culto racional”**. Sacrifícios espirituais, de louvor e de ação de graças. Realidades mui diversas das quimeras sacrílegas do catolicismo romano.

O sacerdócio dos crentes se exerce nos moldes estabelecidos pelo próprio Cristo: **“Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, ali estou no meio deles”** (Mateus 18.20).

A presença de Jesus Cristo é que torna o **“culto racional”** dos crentes agradável a Deus. Esses sacrifícios espirituais, pois, são agradáveis a Deus porque oferecidos **“por intermédio de Jesus Cristo”** (1ª Pedro 2.5), o **ÚNICO MEDIADOR!!!**, **“que nos ama, e, pelo Seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o Seu Deus e Pai, a ELE A GLÓRIA E O DOMÍNIO PELOS SÉCULOS DOS SÉCULOS. AMÉM”** (Apocalipse 1.5-6).

.oOo.

## **UMA PALAVRA DE SIMPATIA**

**Dentre os inúmeros problemas** que desafiam a argúcia dos líderes católicos, um há que toma aspectos cada vez mais graves para eles. É o abandono de suas funções eclesiásticas por parte de muitos padres. Existe entre o clero um descontentamento generalizado. O

próprio Concílio Ecumênico Vaticano II fez recrudescer o desapontamento há décadas latente.

São em número elevado aqueles que, depois de sacrificarem a juventude a uma igreja esplendorosa, entregam-se ao desânimo e, mesmo permanecendo de batina, acomodam-se num cargo qualquer como encostados numa sinecura, onde têm garantida uma subsistência material. Perderam o entusiasmo inicial. Diluiu-se, nas arestas da realidade áspera, a vibração dos primeiros anos de ministério. O catolicismo romano é uma anomalia completa que nem tem capacidade para sustentar um clima espiritual capaz de satisfazer os seus sacerdotes...

Outros há, e em número mais elevado do que se supõe, que abandonam tudo. Bem ao contrário do que se imagina, os ex-padres, de modo geral, não vêm dos “maus padres”. A realidade verdadeira é que os padres de má vida, voluntariamente, nunca deixam a batina, que lhes garante muitas comodidades, inclusive lhes encobre suas irregularidades sexuais.

O ex-padre Leo H. Lehmann, antigo Diretor da Missão de Cristo, instituição norte-americana destinada a amparar, em todos os sentidos, os padres que desejam deixar a batina, declara que “só o fato de terem tido coragem de abandonar o sacerdócio prova que o zelo espiritual deles era bem maior que o dos colegas que deixaram atrás de si. Sim, porque somente um entusiasmo espiritual de elevado teor, posteriormente trabalhado pelo desengano, pode gerar coragem bastante para se conservar a integridade própria, em sacrificando pela segunda vez tudo quanto lhe parecia ótimo nesta vida”.

Aos ex-padres que, com tanta bravura, enfrentaram esse sacrifício, dedico uma palavra de amizade.

As páginas deste livro demonstram que eles não perderam nada de real porque o sacerdócio católico-romano é uma utopia.

**.o.**

E que as pessoas esclarecidas reconheçam o gesto heroico desses homens!!!

**.oOo.**

